



GABRIEL SARTORI SANTOS



“PRAÇA AVENIDA” QUALIFICAÇÃO DE UM VAZIO URBANO.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente - FCT da universidade Estadual Paulista para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Ms. Alfredo Zaia Nogueira Ramos

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato à minha família pelo suporte dado a mim todos os anos, e que com toda certeza foi essencial para que eu conseguisse chegar até aqui. Minha mãe, meu pai e meu irmão que desde o início do curso me apoiaram e acreditaram em mim, sempre ao meu lado e mostrando o quanto eu sou capaz.

Agradeço também a todos os meus amigos que caminharam junto comigo nesses cinco anos de graduação, e que compartilharam comigo todos os momentos de alegria, e também os de dificuldade. A família Caixa D'água, meus irmãos de coração que a universidade colocou em meu caminho e que levarei para o resto da vida.

Obrigado a todos os mestres que passaram pela minha formação, compartilhando comigo o conhecimento importante para a formação profissional. Um agradecimento especial ao meu orientador Alfredo Zaia por toda sua paciência e dedicação.

RESUMO

Esse trabalho foi produzido como uma análise para planejamento e organização de um projeto de ocupação e qualificação, que incentive a utilização territorial de um vazio urbano localizado na cidade de Marília, São Paulo, potencializando uma área pública inutilizada por meio da criação de um parque de acesso livre e compartilhado a demais equipamentos públicos.

Devido à localização em uma área de interesse na zona urbana, um terreno de domínio público com área relevante, tangenciado por duas vias importantes e de características distintas, se encontra estagnado e, portanto, não cumprindo sua função social da propriedade. O estudo é iniciado a partir da formação histórica da cidade e do vazio, foi considerado também as dinâmicas sociais e o entorno consolidado. A proposta se trata de planejamento de um espaço que ofereça diferentes possibilidades de ocupação e utilização. O objetivo é criar uma área comum, para atividades de lazer e cultura, de modo a atender as múltiplas necessidades de todos seus diversos usuários, expandindo e intensificando na cidade as áreas públicas direcionadas a atividades desse caráter de maneira adequada e segura, uma forma compatível com o potencial existente e integrada as práticas adjacentes.

O projeto proposto, trata da criação de um espaço público de fácil acesso da população, como um espaço que proporcione qualidade na quebra do fluxo constante das avenidas e das atividades do entorno, no desenho da malha urbana, para atividades de permanência ou transição, mas que possibilite a acomodação de equipamentos públicos que funcionem simultaneamente a essas atividades.

Palavras-chave: vazio urbano, espaço público, lazer e cultura.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
A CIDADE	03
O VAZIO URBANO	05
FORMAÇÃO DO VAZIO	
Histórico.....	09
O que é o IBC	25
O barracão do IBC ..	17
FORMAÇÃO DO ENTORNO	19
ANÁLISE ESPACIAL	27
Análise morfológica	28
Deriva	32
Registro fotográfico	39
LAZER E CULTURA.....	45
COMO INTERVIR ?	55
ESTUDO DE CASO.....	63
A PRACA AVENIDA	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

I. INTRODUÇÃO

Neste trabalho é estudado uma área localizada na região sul cidade de Marília-SP, terreno de propriedade da União Federal, e que por muito tempo serviu de locação para o galpão do Instituto Brasileiro do Café (IBC). O terreno se encontra a margem da linha de ferro, responsável pela logística da produção do café, que na época de sua construção, era o carro chefe da produção agrícola no Estado de São Paulo e responsável pelo surgimento e desenvolvimento das cidades do Oeste paulista.

Considerando que a propriedade do terreno já faz parte do patrimônio da União do governo federal e que permanece sem utilizar o vazio urbano para a construção de qualquer equipamento público que proporcione melhor qualidade de vida aos moradores, criticou-se a manutenção do espaço que não cumpre função social na malha urbana em detrimento do cidadão que poderia usufruir do mesmo.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor um projeto de qualificação do espaço, a partir da análise do vazio urbano e seu entorno, levando em consideração os fatores históricos e culturais do município e da sua sociedade. Para isso, foi realizado um estudo teórico sobre a formação do município e a suas particularidades. Foi também elaborado uma análise para a compreensão da origem de vazios urbanos nas cidades contemporâneas, buscando ações de planejamento e projeto que estejam vinculadas às necessidades reais dos indivíduos, reforçando a importância deste na construção da cidade contemporânea.

Em um primeiro momento do trabalho projetual foi estudado possíveis qualificação urbana do local, com a finalidade de ocupação do vazio por meio de construção de uma praça: a intervenção no vazio urbano transformando-o em um espaço público aberto. A metodologia utilizada para definir a proposta do projeto foi baseada nas análises feitas no local, nas conversas junto a população e no estudo de projetos que apresentaram problemáticas semelhantes



02 Figura 01: Foto da aérea da cidade de Marília. Fonte: <http://www.marilia.sp.gov.br>

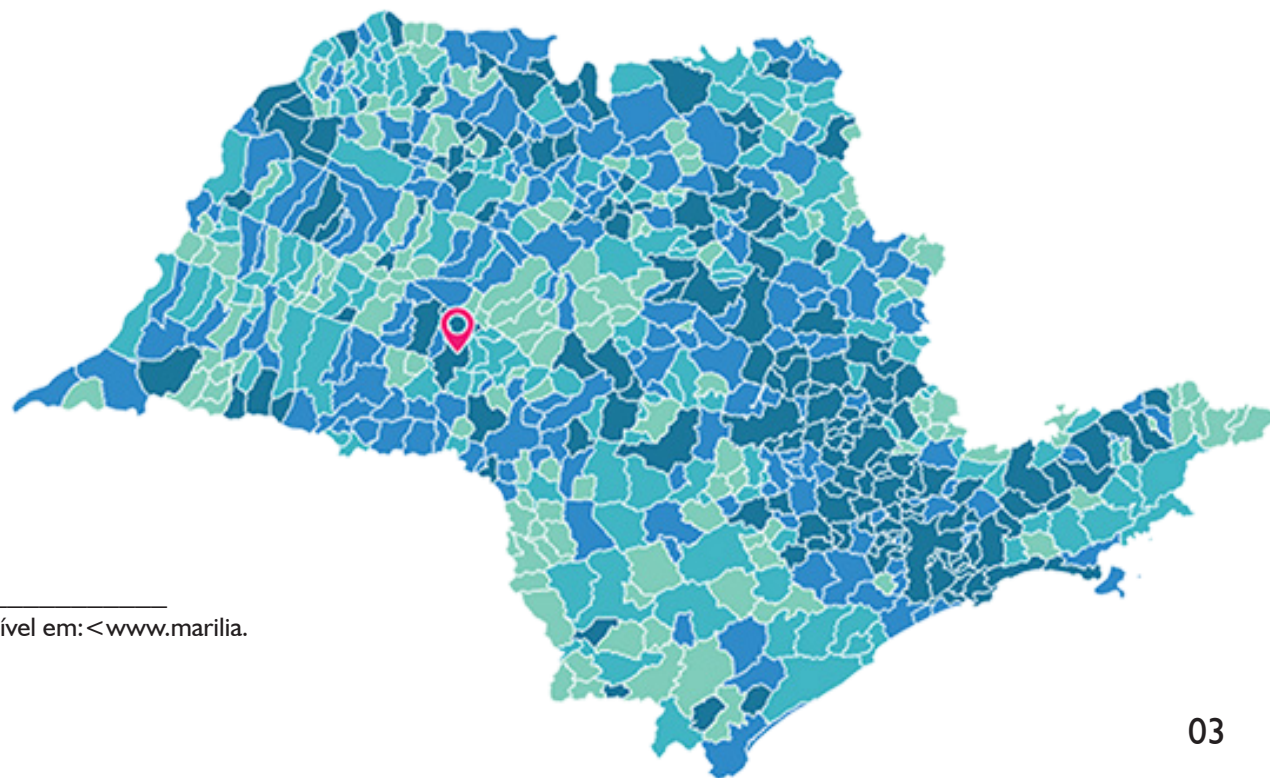
2. A CIDADE

A cidade de Marília, está localizada na região do Centro-Oeste Paulista, 443 quilômetros distante da Capital do Estado de São Paulo. É considerada uma cidade de porte médio, segundo dados do IBGE, conta com 42 quilômetros quadrados de área urbana e 1.152 quilômetros quadrados de área rural. A cidade abriga uma quantidade aproximada de 220 mil habitantes conforme o ultimo censo feito em 2010. (Figura 1).

Sua economia é movimentada atualmente pela presença de indústrias instaladas na cidade, com a produção direcionada ao mercado nacional e internacional. Conhecida como Capital Nacional do Alimento, Marília é considerada um polo industrial que gera mão de obra para toda a microrregião. O setor agropecuário é representado pelo café, amendoim, melancia, borracha, coco, laranja, manga, maracujá, cana-de-açúcar, mandioca, milho. Suinocultura, bovinocultura (corte e leite) e avicultura (corte e produção de ovos), e também tem seu espaço na economia mariliense.¹

Figura 02: Mapa de localização do município de Marília no estado de São Paulo.

Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/>



¹ Dados obtidos no site da Prefeitura Municipal. Disponível em: <www.marilia.sp.gov.br>. Acessado em: 28 fev. 2017.



3. O VAZIO URBANO

A discussão desse trabalho caminha em direção aos usos dado a terra, que por sua vez tem dentro da malha urbana funções a serem cumpridas, para que possa atender às necessidades da sociedade. Entendendo as problemáticas da área ociosa, é importante ressaltar esses dois termos, o vazio urbano e a função social da propriedade, respectivamente, em função de melhor compreensão do assunto.

Produto dos processos de urbanização, mas também da ausência de planejamento e de características específicas a cada um deles, os vazios urbanos são áreas da cidade que se especializam as contradições sociais e econômicas por essa época de lógicas neoliberais: desativações, desterritorialização e sobretudo deseconomias urbana. Os vazios urbanos seriam, a princípio, áreas da cidade sem função, sem conteúdo social. (BORDE, 2003).

Art. 39. A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando Estatuto da Cidade 27 o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, respeitadas as diretrizes previstas no art. 2º desta Lei. (Estatuto da Cidade, 2008).

Ao considerar como motivos usuais na produção desses vazios urbanos na cidade, abandono de lotes por parte do poder público ou mesmo o valor da terra, o qual cria, na sociedade capitalista, um mercado consumidor e áreas de especulação imobiliária. Segue o diálogo sobre a realidade de grandes terrenos no perímetro urbano que não cumprem o papel da função social da propriedade, sendo eles de propriedade particular ou pública, elementos estruturadores da forma urbana e que apresentam potencial para acomodação de “muita cidade” (NASCIMENTO, 2014). Áreas com necessidade de releitura, com a finalidade de transformação da ociosidade em atividades e formas de produção da cidade, como loteamento de novos bairros residenciais, indústrias ou espaços públicos.

Precisaria de estudo para entender a lógica dessa produção que gera nas cidades e na sociedade interferências negativas para seu desenvolvimento tanto na esfera econômica, como ambiental, política e social.

No trabalho de Dittmar (2006), que estuda o problema das áreas desocupadas em meio a malha urbana, o autor consegue distinguir o vazio em três estruturas, são elas, o vazio físico, o vazio de uso e o vazio físico e de uso. A diferenciação é dada pelo modo de produção dessas áreas ociosas.

- Vazio de uso: áreas que já apresentaram algum tipo de ocupação prévia, mas que não acompanharam as mudanças que ocorrem junto ao processo de evolução da área urbana da cidade e entraram em esquecimento e desuso, levantadas como os “remanescentes urbanos”.
- Vazio físico: são as áreas que, diferente dos vazios de uso, nunca apresentaram ocupação anterior e atual, sua produção na maioria das vezes recai sobre o processo capitalista de produção da cidade e os agentes da especulação imobiliária.
- Vazio físico e de uso: São os espaços residuais da cidade, que mesmo pertencendo ao entorno fruído ou não pela cidade, essas áreas se mantêm subutilizadas ou sem nenhuma atividade, são exemplos de vazios dessa natureza, as margens imediatas das ferrovias.

Nesses conceitos, classificamos o terreno do antigo IBC como um vazio de uso na cidade de Marília devido a sua atual situação de descaso pelo poder público, onde não é identificado nenhum projeto de utilização de uma área que já foi símbolo de uma política nacional do país. Cabendo a proposta estudar maneiras de intervir no espaço com a finalidade de amenizar o problema da malha urbana criada pelo vazio.

Estabelecer através de levantamento e estudo das dinâmicas sociais, da leitura das potencialidades preexistentes assim como as carências detectadas no local de intervenção, agente condutor de planejamento do projeto para obter resultados que conversem de maneira satisfatória com o loco. De acordo com as características do município de médio porte, a maior facilidade de entendimento e apropriação dos espaços, a proposta de “trato de vazios urbanos nos fornece uma base conceitual variada, porém permite adequação apropriada as cidades de pequeno e médio porte, onde a construção da malha urbana ainda prematura permite maiores intervenções” (FREITAS, 2014).

Assim, o terreno inserido em uma área central, atualmente densa e que configura na malha urbana um vazio fruto do desca-so e do abandono, serve como área de análise neste trabalho, onde o reconhecimento de suas potencialidades pode ser aplicado na qualificação da mesma com intuito de garantir à população uma melhor qualidade de vida se transformado em um espaço livre público.

Uma das abordagens possíveis na questão dos vazios urbanos e a adoção de uma política que tenha como eixo a recuperação do ganho fundiário proporcionado por investimentos públicos e sua redistribuição na redução das desigualdades sociais da cidade (OLIVEIRA,2000 apud DITTMAR)



Figura 04: Ruínas no vazio. Fonte: acervo do autor.



08 Figura 05: Desbravadores, abrindo a avenida São Luís. Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

4. FORMAÇÃO DO VAZIO

4.1. HISTÓRICO: Marília e a exploração do oeste paulista.

O desenvolvimento das cidades do Oeste Paulista, segundo Souza (2009)², é essencialmente associado a produção do café, cultura instalada no Brasil no período da monarquia e que chegou as terras do estado de São Paulo apenas no final do século XIX. Com o fim da mão de obra escrava e a decadência das lavouras cafeeiras do Rio de Janeiro, o produto invade o estado de São Paulo, e se expande para o interior paulista. Em 1906 o Brasil sob o governo de Rodrigues Alves, já tem na produção de café o sustentáculo da economia do país. O crescimento das novas plantações acompanhado pela instalação dos trilhos da estrada de ferro, resultou em investimento em novas expedições, e assim, conseqüentemente, no surgimento de novas cidades.

No trabalho de Souza (2009), referente ao surgimento e formação da cidade, Marília começa sua história a partir da exploração da mata selvagem da região do Oeste do estado de São Paulo, que até o início do século XX era habitada apenas por tribos Caingangues. A comissão geográfica e geológica de São Paulo inicia em 1905 os primeiros levantamentos de terras entre os rios do Peixe, Feio e Tiete. Em julho do mesmo ano, nas margens do córrego do arrependido, é levantado o primeiro acampamento de conquista do extremo sertão do Oeste pelo vale do rio do Peixe.

Com a determinação do governo do estado em 1913 de abertura do picadão que começava em Afonso Pena, nas terras onde atualmente se encontra o município de Cafelândia, até Platina na sorocabana, estabeleceu o progresso da região. Surgindo dois anos mais tarde, os primeiros cafezais em terras da fazenda Cincinatina, entre o rio do Peixe e rio Tibiriçá, exatamente as terras que foram o berço do surgimento da cidade, segundo Tanuri (2009)³.

² SOUZA, P.T. A História da cidade. TV Marília Produções, n.2. Marília. 2009 – Documentário produzido para a comemoração dos 80 anos da cidade.

³ TANURI, Rosaline – historiadora da cidade de Marília que contribui na produção do documentário de Souza (2009).

A prosperidade da região, acompanhada da futura chegada da linha de ferro atraiu a atenção de investimento. Em 1918, Antônio Pereira da Silva um dos fundadores da cidade, que na época administrava a fazenda Cincinatina, compra terras que seriam cortadas pela ferrovia como o objetivo de construir ali o início de um patrimônio, o Alto Cafezal (SOUZA, 2009).



Em 1919, o engenheiro americano Frederico Shimith começa o levantamento da região com o projeto de derrubamento da mata nativa e recorte das primeiras ruas, a avenida São Luís e a avenida XV de novembro são abertas em 1923, começam a surgir as primeiras casas de madeira. Um ano depois, é levantada a igreja do padroeiro da cidade, a Igreja de Santo Antônio, no local escolhido por Antônio Pereira da Silva e seu filho, e se mantem no mesmo lugar até os dias atuais, sofrendo apenas algumas reformas do edifício original (SOUZA, 2013).

“(...) começou a se fazer, em meio as florestas virgens e em meio aos olhares espreitadores dos índios Coroados o 1º núcleo de sociedade Mariliense e o 1º núcleo de casas de madeira na cidade de Marília (TOBIAS, 1989 apud Secretaria de trabalho, turismo e desenvolvimento econômico).”⁴



Figura 07 : Abertura da mata para a estrada de ferro.
Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

⁴ Disponível em: <http://www.desenvolvemarilia.wordpress.com/historico-arquitetonico/> Acessado em: 29 fev. 2017.

No ano de 1925, a fazenda Cincinatina é comprada por Bento de Abreu Sampaio Vidal, fundador de Marília, que em dois anos produz em suas novas terras o patrimônio da Vila Marília, reservando em sua propriedade o local onde futuramente a estação ferroviária da cidade se ergueria, a instalação da ferrovia é concluída apenas no ano de 1928 com a chegada do primeiro trem de passageiros no mês de dezembro deste mesmo ano (SOUZA, 2009).

A prolongação da vila Alto Cafezal, conhecida como vila Barbosa, já tem, ainda segundo o documentário de Souza (2009), no ano de 1928, o reconhecimento de distrito policial. Marília então é reconhecida como município em seção solene no dia 4 de abril de 1929, a cidade que já apresentava grande prosperidade e desenvolvimento, cresce a partir das primeiras edificações levantadas nos bairros a margem da linha de ferro (vila Alto Cafezal e Marília)

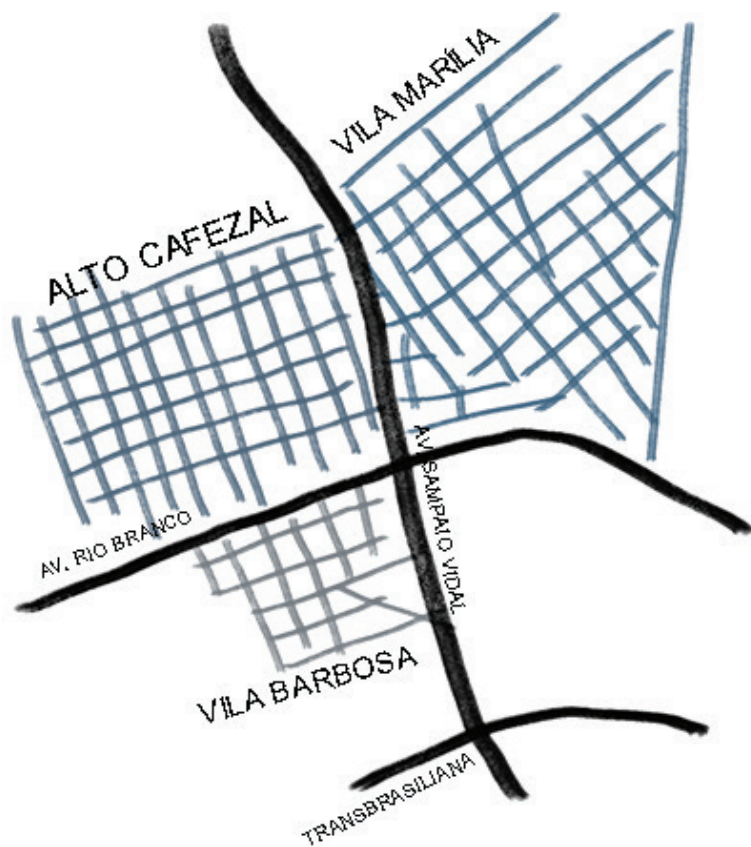


Figura 08 : Localização dos primeiros patrimônios da cidade de Marília.

Fonte: Autor.

Nos anos seguintes, segundo Arradi (1989), a crise econômica mundial de 1929 atinge o país, embora seus efeitos terem atingido o Brasil de maneira tênue, graças a medidas de intervenção tomadas pelo governo, mudanças no cenário econômico passam interferir no desenvolvimento das cidades, inclusive nas cidades do interior paulista onde prevalecia o cultivo do café. Podemos enxergar essa mudança no trabalho do autor, que registra o quadro nacional diante a crise.

Com a grande depressão (1929 a 1933) os preços internacionais do café caíram em cerca de 60% levando a economia a um período de crise. Porém, com a política governamental de defesa da renda interna, o país pode recuperar-se rapidamente em relação a outros países (o PIB em 1932 já estava acima do nível de 1928). No entanto uma mudança importante havia ocorrido: a dinâmica da economia deixou de estar presa a demanda externa, sendo substituída pela variável endógena investimento, ou seja, o centro dinâmico da economia deslocou-se para dentro da nação, deixando o café de ser o núcleo central da economia, para a partir daí ser a indústria. (ARRADI, 1989)



Figura 09 : Chegada do trem na cidade.Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

4.2. O QUE É O IBC?

No Brasil a produção do café, foi o mercado que estimulou o progresso de regiões antes não desbravadas como o interior do estado de São Paulo, seu cultivo garantia aos latifundiários grande lucro e isso estimulava a sua plantação. Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em meados do século XIX, o governo provoca um impulso na atividade, através da abertura dos mercados internacionais o valor do café chegou a níveis altíssimos, acarretando em mudanças no cenário nacional.

Encorajado pelo mercado, as plantações se tornavam algo cada vez maiores e consequentemente maior era a sua produção. O que, ainda segundo a CPDOC (2009), com caráter descontrolado de crescimento dessa atividade, caminhando à frente do mercado acarretou em momentos de crise de superprodução, fazendo com que o setor passasse por períodos de dificuldade.

Coube ao governo, pressionado pelos produtores, a criação de políticas de intervenção que conseguissem manter o equilíbrio na lei de oferta e procura do produto no mercado. Após algumas tentativas do governo federal de conter as flutuações no valor do café, sob governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) essas medidas tomaram caráter permanente e não mais excepcionais.⁵

Desta forma, como medida intervencionista, chegaram a criação do Instituto Brasileiro do Café (IBC), por meio da Lei nº 1.779, de 22 de dezembro de 1952, no governo de Getúlio Vargas.⁶

“Competia ao IBC realizar a política cafeeira tanto em âmbito nacional quanto internacional. Suas atribuições incluíam a promoção de pesquisas e experimentações no campo da agronomia e da tecnologia do café, a fim de baratear seu custo e aumentar a produção por cafeeiro; a radicação do cafeeiro em zonas ecológica e economicamente mais favoráveis à produção; a defesa de um preço justo para o produtor, condicionado à concorrência da produção alienígena e dos artigos congêneres; e a realização de pesquisas e estudos econômicos para um melhor conhecimento dos mercados consumidores de café e de seus sucedâneos, objetivando a regularidade das vendas e a conquista de novos mercados.” (CPDOC, 2009)

⁵ Dados extraídos Verbete sobre o IBC, do acervo digital do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).

⁶ Dados extraídos Verbete sobre o IBC, do acervo digital do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Faculdade Getúlio Vargas (FGV)

Essas medidas subsidiadas pelo estado entram em conflito na década de 1980, com o país passando por complicações quanto a endividamentos econômico e social, e a crise inflacionária que fomentou a paralisação do crescimento econômico tornando a conhecida como a “década perdida”. Assim, medidas setoriais acabaram perdendo a sua importância no cenário nacional e passaram a ser vistas como um grande problema de escoamento dos recursos públicos que deveriam ser guardados.⁷

Na década seguinte, sob o governo Collor, é publicado em maio de 1990 o decreto de nº 99.240 que oficializava o fim do Instituto Nacional do Café, em acordo ao programa de reformulação da máquina estatal. O café passou a ser administrado pelo governo de cada estado, já que a política que cuidava exclusivamente da sua produção no país tinha sido extinta. (CPDOC, 2009)

⁷ Dados extraídos Verbete sobre o IBC, do acervo digital do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Faculdade Getúlio Vargas (FGV).



16 Figura 10 : O barracão do IBC em Marília. Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

4.3. O BARRACÃO DO IBC.

Como foi articulado anteriormente sobre as funções do Instituto Brasileiro de Café, muitas vezes fazia-se necessário aquisição por parte do Estado de espaços físicos para o armazenamento da produção que era por ele administrada.

Assim, de acordo com Tanuri (2009)⁸, é construído em Marília na década de 40, uma grande edificação de armazenamento do IBC. A construção de arquitetura inglesa tinha como sistema construtivo cravilhas de madeira e o encaixe para sustentação da estrutura do mesmo material, de modo a dispensar o uso de pregos e parafusos, e em sua cobertura telhas de zinco faziam a proteção do que ali era estocado. Essas características garantiram ao prédio uma arquitetura que foi considerada pelo historiador Ivan Evangelista Jr. como a mais bela da cidade, na época.

Localizada na região sul da cidade as margens da linha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro que corta a cidade, sua localização proporcionava o fácil acesso tanto para controle das produções de café, como também para carga e descarga do que nele era armazenado. O funcionamento do armazém estava diretamente ligado à ferrovia e a mercadoria que por ela circulava, era ali que se guardava a safra do café, colhidas nas fazendas de Marília e região.

Após a crise do café em 1929, que foi atingir a produção do estado apenas alguns anos depois, obrigando os produtores a procurar novos mercados. Assim a substituição da produção, agravou em mudanças não só na economia do município como também em seu cenário urbano, além do surgimento de indústrias atraídas pelas novas atividades que surgiam no processo de desenvolvimento, a produção de algodão e outros vegetais oleaginosos.

O armazém do Instituto Brasileiro de Café na cidade de Marília foi então desativado e assim se manteve até o ano de 1997, nesse ano o edifício acabou sendo destruído por um incêndio que, de acordo com Tanuri (2009), não sabe se foi de procedência criminosa ou accidental. Do armazém do IBC ficaram apenas as ruínas de sua fundação. O espaço que antes guardava, mesmo que desativado, a história do desenvolvimento da cidade, agora se encontra estagnado. O espaço, é atualmente, nada além de um lote de dimensões muito relevantes, localizado em meio a malha urbana e que não produz nenhum tipo de atividade, excepcionalmente atravessado por transeuntes que criam recortes alternativos no local.

⁸ TANURI, Rosalina – Membro da Comissão de Registros Históricos da Câmara de Marília em seu artigo para o Jornal Diário. Do Armazém do IBC restaram lembranças. Marília 2009.



18 Figura 11 : Imagem aérea do vazio e do entorno. Fonte: Google Earth.

5. FORMAÇÃO DO ENTORNO

EXPANSÃO URBANA E SEGREGAÇÃO ESPACIAL.

Para compreender o processo de expansão da cidade, é inicialmente necessário se entender as mudanças econômicas ocorridas na cidade de Marília e que impulsionaram essas transformações.

A produção industrial de Marília nos anos posteriores a crise do café de 1929, segundo Arradi (1989), apresenta na produção agrícola de algodão a força do município. A relação de proximidade com a matéria prima nas cidades do interior, motivou o surgimento da indústria de transformação da produção agrícola. Desenvolve em Marília, a partir do início da década de 30, uma indústria estratégica na produção têxtil e de óleos derivados do algodão, no mesmo período, ganha impulso também a indústria da madeira.

A medida em que temos a consolidação da região central, o comércio da cidade estabilizado, começa a surgir o problema de esgotamento de áreas passíveis a novas ocupações, a cidade necessita de novos parcelamentos de terra que respondam a demanda do mercado. A resposta é obtida com a incorporação de glebas rurais a o tecido urbano.

Acompanhando o crescimento da cidade o setor industrial, segundo Arradi (1989), acaba se transportando para regiões norte da cidade, abandonando as áreas centrais a margem da ferrovia, onde as primeiras indústrias da cidade vinculadas a produção de café estava instalada. Assim, começa a notar o desenvolvendo novos bairros no lado norte onde crescia o parque industrial da cidade, como o bairro Santa Antonieta.

Na década 1950, a produção industrial da cidade enfrentou uma competição de mercado estimulada pela eclosão das atividades de derrubada das matas do Oeste e a produção de soja. O setor industrial acaba perdendo seu espaço na produção têxtil do algodão para os materiais sintéticos que surgiam no mercado. A indústria então retoma sua energia a partir do ano 1960, com as indústrias de beneficiamento do amendoim, o setor industrial, a partir de aí, segue o ramo alimentício, e o mercado inicialmente é direcionado a demanda regional. (ARRADI, 1989)

Na década de 50, é fundada a Marilan, no seguimento alimentício da indústria do município, a empresa de destaque na produção de biscoito e inicialmente a produção de macarrão, foi instalado na área sul da cidade. Ocupando uma zona fora do parque industrial de Marília que se desenvolveu na expansão da área norte da cidade a partir da década de 30. A importância do seu surgimento vai em direção a evolução das áreas periféricas do setor sul da cidade, onde futuramente nasceriam novos conjuntos habitacionais e de interesses sociais.

Segundo Arradi (1989), Marília mantém após sua fundação, um intenso processo de desenvolvimento. Além do desenvolvimento da cidade, acompanha junto a esse processo mudanças quanto ao crescimento populacional. O aumento de pessoas resultava da multiplicação de indivíduos, tanto os que eram atraídos para a cidade, como pelo crescimento das famílias da população que ali já se encontravam instaladas.

O crescimento populacional demandou dessa forma em modificações no cenário citadino do município os novos integrantes da sociedade marilienses, que surgiam gradativamente exigia da cidade, a sua expansão, para que fosse possível a acomodação de sua população em crescimento.

Marília, assim começa sua expansão urbana, partindo de sua formatação inicial, como vimos, dada pelo levantamento das Vilas Marília, Alto Cafezal e Vila Barbosa, no período do café.

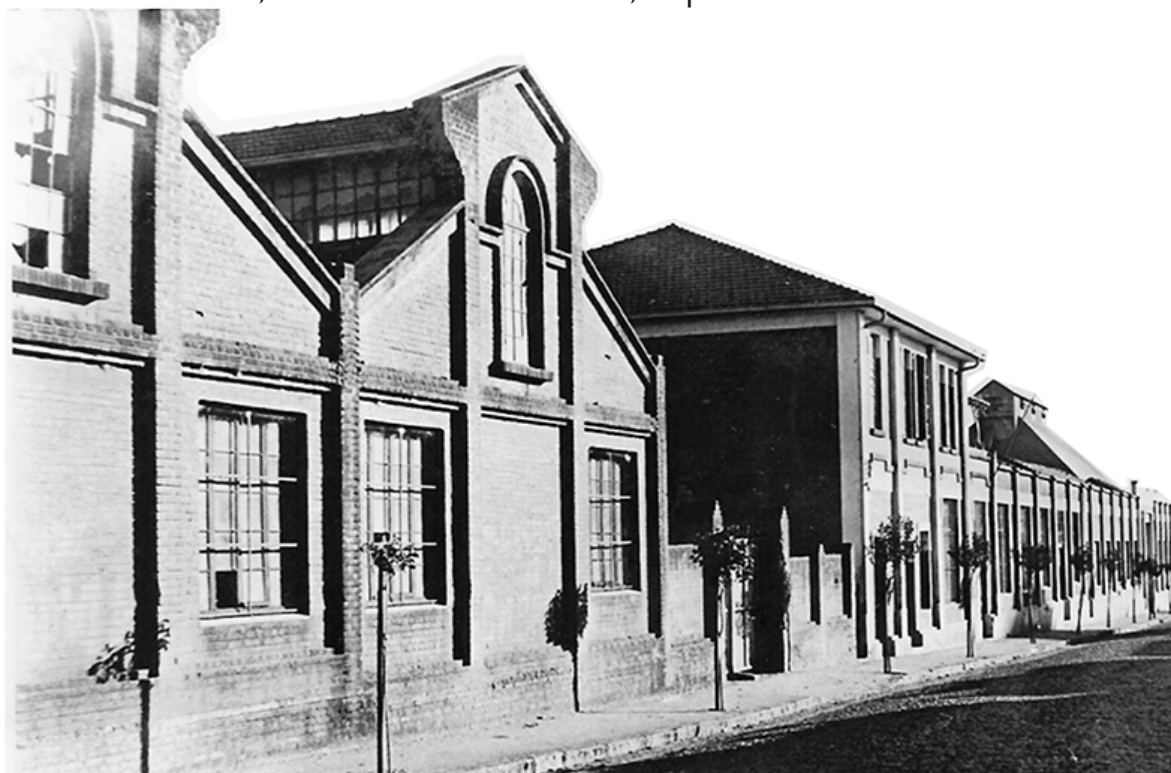


Figura 12 : Indústrias Matarazzo em Marília.
Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

O processo de industrialização do Estado de São Paulo, incluindo Marília, estava contextualizado em um panorama histórico maior, que incluía a modernização do país frente a industrialização precoce de outros países europeus e norte-americanos.

O novo ciclo, e nova camada - termo que se refere a sobreposição de um período a outro - relaciona a indústria é acompanhada de mudanças na paisagem da cidade: grandes espaços vazios são transformados em espaços edificadas, grandes estradas de terra são transformadas em avenidas pavimentadas com asfalto ou pedras de petit-pavê. (POVOAS, 1947)

A industrialização do município incentivou a modernização da cidade fomentada pelas novas atividades que surgiram no município para substituir a produção de café, em meados da década de 30. A indústria favoreceu mudanças tanto para o desenvolvimento da sociedade como na estrutura da cidade, foram construídos nesse período novos edifícios, obras de melhoria das vias, além de novos recortes que devam origem a grandes avenidas que foram importantes para a expansão do município.

A expansão da malha sobre o território, ocorre na cidade de maneira muito similar ao modo que deu origem ao município, Sposito e Góes (2013) faz uma análise de crescimento da área urbana em Marília em seu trabalho sobre as cidades médias do interior paulista, e classifica esse processo em dois momentos.

No primeiro momento é caracterizado pela ligação intraurbana das cidades do interior paulista que surgem as margens da linha de ferro, nesse momento de origem da cidade de Marília, o agente orientador da expansão é representado pelo traçado da linha de ferro.

No segundo momento, a expansão mantém a circulação como o agente orientador do crescimento da cidade, apresentando como particularidade do período, a orientação seguida pela abertura das avenidas que estruturam o deslocamento urbano. O crescimento da cidade de Marília, que embora tenha cada cidade seu o caráter individual, apresenta características comum a toda as cidades médias que passam por processos de modernização e expansão. As modificações urbanas empurradas pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, acarretam mudanças no molde social a qual as cidades do país estão submetidas. Esse processo de estruturação e desenvolvimento das camadas sociais refletem diretamente na maneira de organização das cidades, notadas nas novas formas de arranjo da cidade.

Os mapas (Figura 13) mostram que, começam a aparecer então a ocupação de áreas mais afastadas da região central da cidade, em um sistema de descontinuidade territorial da cidade, tímido na década de 70 e acentuado a partir de 1990.



Figura 13: Mapa de expansão da malha urbana, em destaque, o adensamento do entorno do IBC.
Fonte: livro "Espaços fechados e cidades", 2013. Modificado pelo autor.

Marca novas formas de produção do espaço urbano, tendência a descontinuidade territorial do tecido urbano decorrente a ampliação da oferta de lotes, diretamente associado a produção capitalista da cidade. (Spósito & Góes, 2013)

A expansão da cidade encontra apenas as barreiras associadas à sua topografia, estando localizada na parte ocidental da Serra de Agudos o crescimento territorial da cidade esbarra nas escarpas que limitam a cidade e criam a diferenciação do relevo, conhecido na cidade como “buracão” ou “vale”. Devido a essa característica regiões como noroeste e sudoeste não apresentam mais grande possibilidade de expansão demográfica segundo Spósito e Góes (2013).

A medida que o desenvolvimento de áreas periféricas surge em Marília, manifesta também na cidade a procura por homogeneização das camadas sociais no território urbano, movimento possibilitado pelas ofertas do mercado imobiliário, onde o poder aquisitivo manipula a produção capitalista da cidade. Facilitando, dessa forma, a intensificação do problema urbano de segregação sócio espacial da população.

A segregação socioespacial intraurbana, que aqui entendemos como um conjunto de elementos construtores de exclusão social decorrentes de isolamento, desigualdade de acesso a equipamentos e infraestrutura básica, com uma heterogeneidade externa e homogeneidade interna dos grupos sociais no espaço. (MARINHO, 2009)

Ainda segundo os estudos do Spósito e Góes (2013), nota-se que classes dominantes passam por um processo de auto segregação, com características de negação da cidade onde vive, surgem os enclaves fortificados e shoppings centers. As classes sociais desfavorecidas, também segregadas no tecido urbano, são submetidas a regiões de menor interesse imobiliário cujo valor é mais acessível ao orçamento dessa população, acarretando em uma segregação que podemos dizer ser forçadas pelo capital.

Criam-se setores econômicos e comerciais independentes do centro urbano o que podemos designar como subcentros que rompe um pouco da ligação do centro com a sociedade, que antes era dele dependente. Esse processo é claramente notado autor na Avenida das Esmeraldas e nos bairros dos conjuntos habitacionais da zona sul como é o caso da Nova Marília (localizado na figura 14).

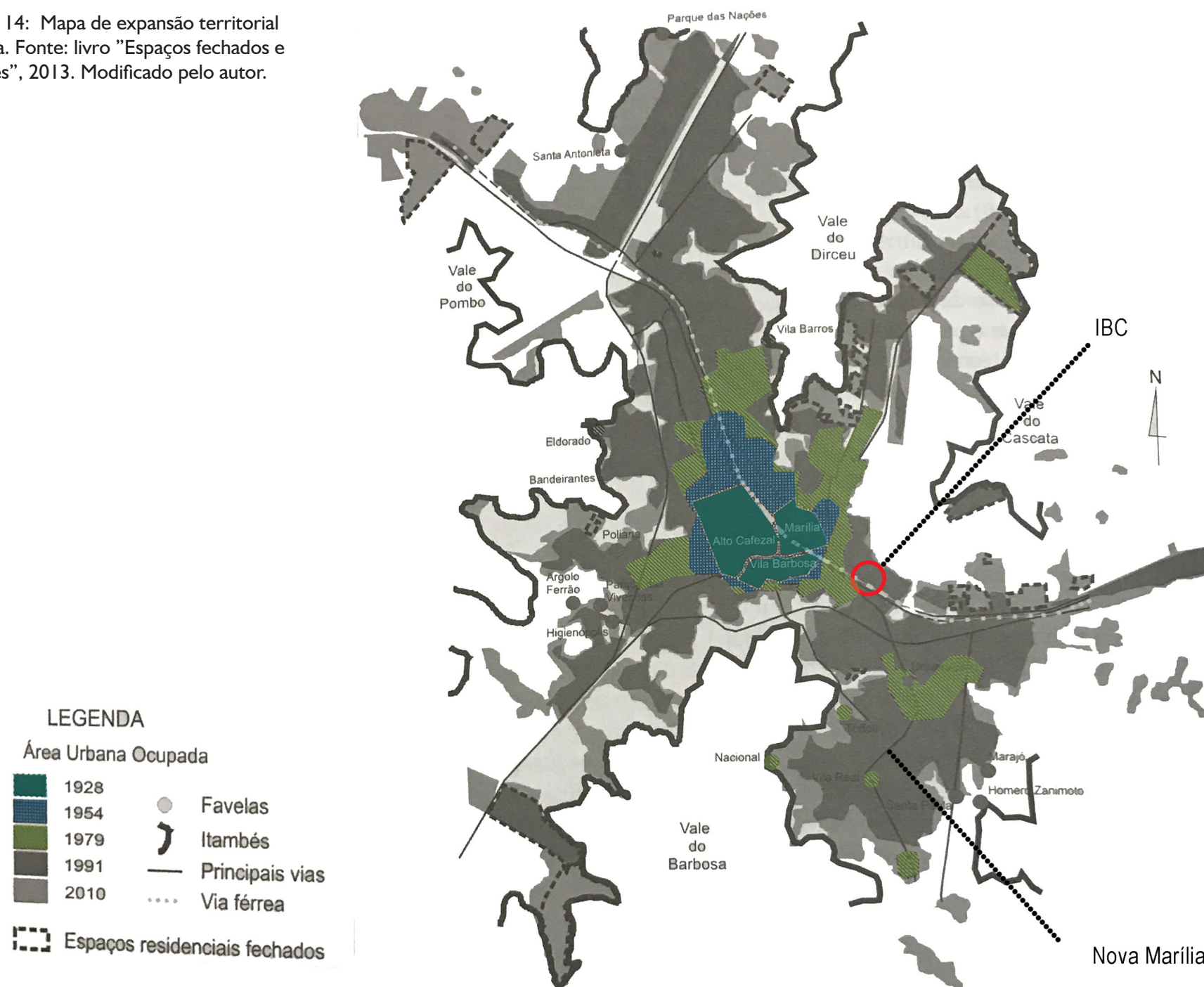
O eixo norte-sul do município de Marília é onde se concentra maior parte da população, das indústrias e dos serviços da cidade. Na região oeste é onde se localiza as faculdades do município. Já a região leste e uma área pouco ocupada, em comparação as outras regiões do município[...] (ARRADI, 1989)

A expansão do lado sul da cidade, área de maior cuidado nesse trabalho devido à localização da área de interesse no estudo, temos o crescimento do entorno a partir de diferentes períodos do processo de desenvolvimento da cidade. Podemos então orientar o desenvolvimento da parte sul, através da análise dos estudos feitos pelos autores citados anteriormente, que em um primeiro momento, tem o processo de expansão da área dado ainda na época do surgimento da cidade e a produção cafeeira, é referente a locação de galpões da indústria na extensão que margeava a ferrovia, incluindo o IBC assim áreas da parte sul são adicionadas a gleba com o prolongamento da vila Barbosa.

No segundo momento temos a expansão periférica da cidade com a industrialização e o crescimento demográfico da população, que embora o crescimento da indústria tenha migrado para regiões periféricas da zona Norte, o extremo sul da cidade é ocupado pela criação de conjuntos habitacionais a partir década de 50.

O terceiro e mais recente momento da expansão é fortalecido a partir da década de 80, com o crescimento do subcentros já citados, temos nesse período o maior crescimento do entorno imediato do vazio urbano estudado, apresentando o crescimento e a consolidação das avenidas que o limitam, abastecidas predominantemente pelo setor comercial.

Figura 14: Mapa de expansão territorial urbana. Fonte: livro "Espaços fechados e cidades", 2013. Modificado pelo autor.





6. ANÁLISE ESPACIAL

A leitura é a maneira como abordaremos a área de estudo para levantamento das características do terreno. Nesse trabalho optou por utilizar como procedimento de análise e levantamento a proposta metodológica estruturada pelo arquiteto Vicente Del Rio (1955), que aborda o desenvolvimento do desenho urbano por três níveis básicos: o coletivo, o comunitário e o individual. O autor em seu trabalho divide a análise em quatro pontos: morfologia urbana, análise visual, percepção do meio ambiente e comportamento ambiental.

- Morfologia urbana: busca compreender a razão da formação dos elementos urbanos as transformações ao longo do tempo, para podermos identificar as formas mais adequadas de intervenção e criação de novas área, relacionadas cultural e socialmente com o desenho urbano preexistente.
- Análise visual: Categoria de análise subjetiva, dependendo da capacidade de leitura e interpretação pela ótica de quem faz o levantamento, busca a leitura das linguagens dos espaços as relações entre os elementos da paisagem, as sensações que transmitem, análise qualitativa e carregada de valores pessoais do observador.
- Percepção do meio ambiente: Questão importante é reconhecer os lugares onde as populações identificam como áreas familiares em seu ambiente cotidiano, áreas carregadas de significado e que possam produzir no indivíduo algum sentimento de estabilidade social.
- Comportamento ambiental: nessa análise busca se compreender a forma como os espaços são apropriados, quais comportamentos se relacionam e com que frequência, percebe-se nesse conceito como o ambiente pressupõe a repetição dos mesmos comportamentos, fazendo com que diferentes agentes ajam da mesma forma.

Baseando se no método do autor, o levantamento buscou identificar as características salientadas em seu estudo, inicialmente com o levantamento de informações para uma análise morfológica do terreno mas também do entorno que se relaciona diretamente com ele, seguido de uma análise mais qualitativa do espaço, partindo de experiências, novas derivas e o contato com os usuários que modelam a paisagem.

6.1. ANÁLISE MORFOLÓGICA.

Como foi discorrido anteriormente, a área de interesse nesse trabalho, compreende no terreno onde se encontrava o antigo barracão do Instituto Brasileiro do Café (IBC). O entorno é composto pelas avenidas Tiradentes e o bairro Fragata no limite da face sul do terreno, a Avenida das Esmeraldas e o bairro Jardim Tangará na face norte.

Localizado no bairro Fragata na região sul da cidade, o terreno de domínio da União Federal, possui de acordo com os dados do terreno na Prefeitura Municipal de Marília uma área total de 18735,16 m² e perímetro de aproximadamente 520 metros, perímetro obtido no programa Google Earth.

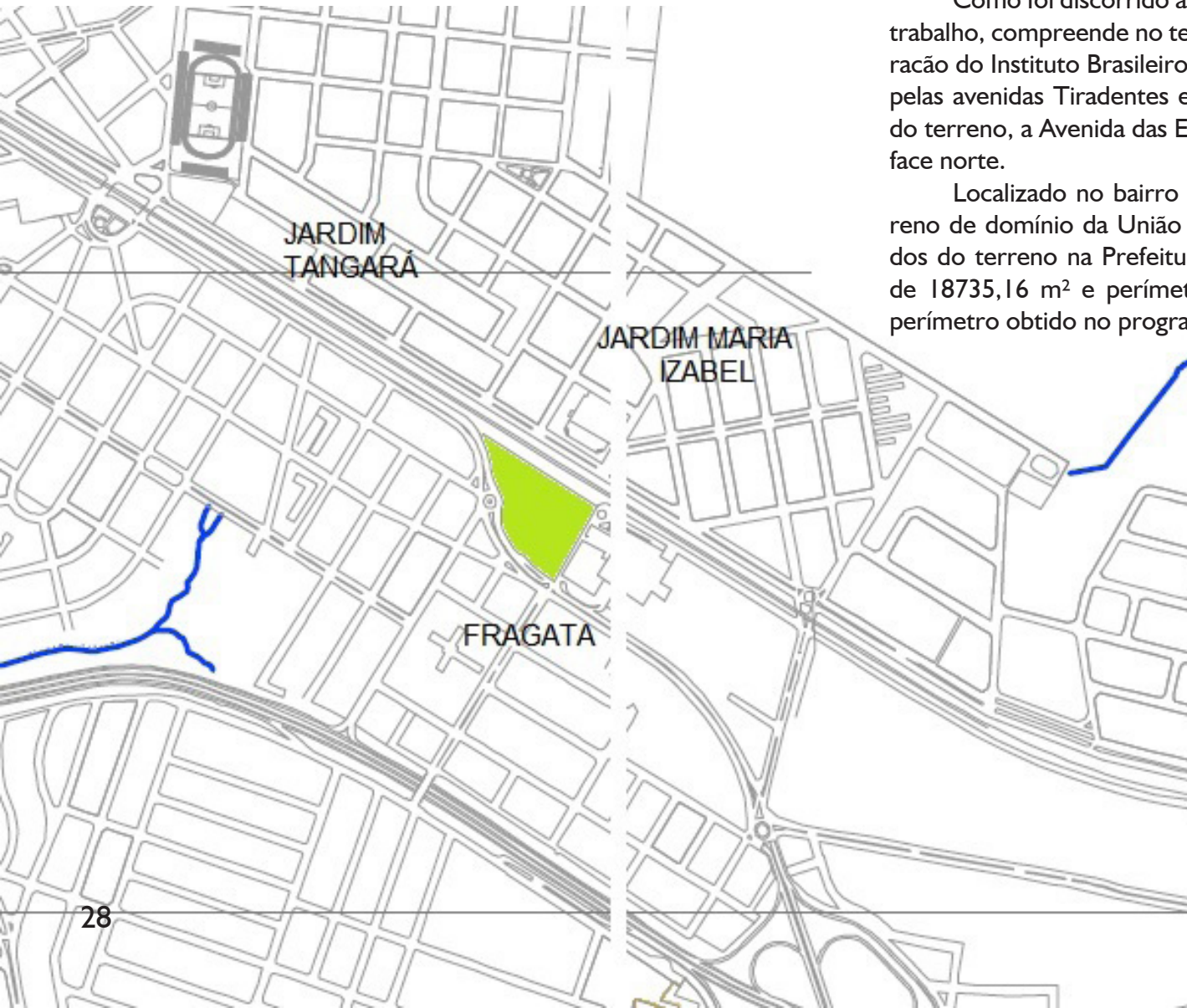


Figura 16: Mapa do recorte.
Fonte: Acervo do autor.

O terreno se localiza segundo a Lei de Zoneamento e uso do solo, aprovado pela Câmara Municipal de Marília no ano 1998, em uma Zona Especial de Corredores (ZEC), localizada em região sul da cidade, de acordo com a mapa de zoneamento da cidade de Marília o terreno deve respeitar diretrizes da zona em que se encontra para a ocupação do espaço. Segundo a Lei de zoneamento e uso do solo é permitida nas ZEC usos de caráter residencial, comercial e institucional, com a premissa de uma preocupação acústica para fins de não incomodo das áreas adjacentes.

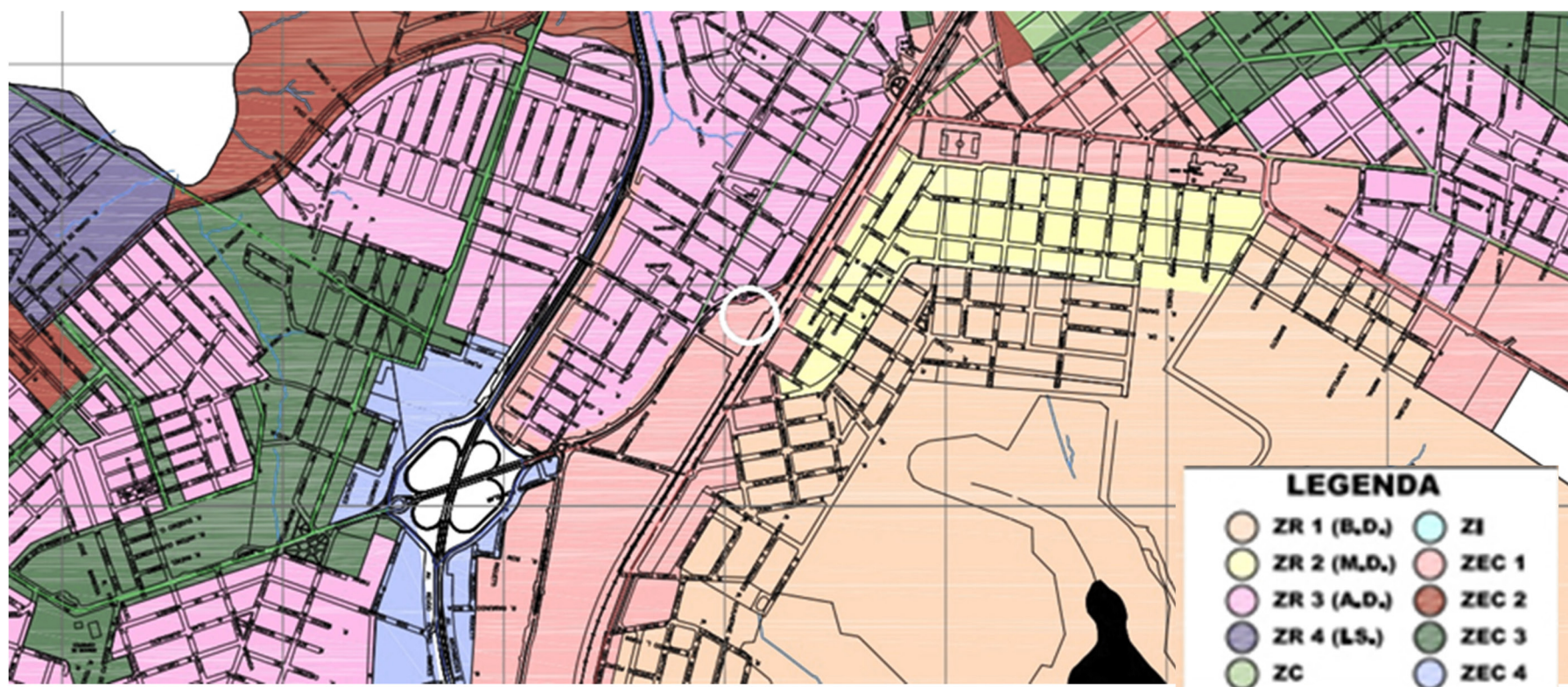


Figura 17: Mapa da área de zoneamento, com o vazio urbano demarcado.
Fonte: <http://www.camar.sp.gov.br>. Modificado pelo autor.

Em seu entorno imediato é formado por regiões dentro das zonas residências (ZRI, ZR2 e ZR), são esses os bairros Fragata, Jardim Maria Izabel e Jardim Tangará já citados no levantamento do recorte, cuja ocupação é predominantemente residencial, exceto pelos lotes próximos as avenidas que já se inserem na ZEC, e apresentam um domínio dos estabelecimentos comerciais.

A região representa uma diversidade de usos no entorno do vazio, através do mapa de uso ocupação levantado conseguimos perceber a densidade do entorno e a predominância do comércio nas avenidas e sua diminuição em direção ao interior dos bairros. É possível verificar, a infraestrutura que o entorno oferece ao lote. Encontrando na diversidade de usos da região, áreas institucionais que oferecem os serviços aos usuários, além dos estabelecimentos privados, que ampliam o acesso a infraestrutura da população de alta renda que se encontram mais próximas ao terreno.

Analisando as áreas verdes, os vazios, é possível notar o quão expressivo é a dimensão delas no entorno, porém em uma breve análise, verifica-se que trata de grandes terras descampadas e desocupadas produzidas de duas formas.

A primeira forma são as que estão relacionadas ao poder privado, que possuem grandes parcelas de terras e as deixam desocupadas fomentando o interesse imobiliário, devido à localização. É o que conseguimos enxergar na fazenda Cascata no terreno da antiga CEAGESP que atualmente já passa por um processo de ocupação com a construção de torres residenciais de condôminos de alto padrão, essas áreas na verdade são alvo de grande atenção do setor imobiliário na cidade.

A segunda forma está relacionada ao poder público, são áreas que cabem a ele a manutenção. São exemplos dessas áreas verdes as terras à margem da linha de ferro, a área destinada pela prefeitura para o equipamento público assim como o próprio vazio estudado.

LEGENDA:



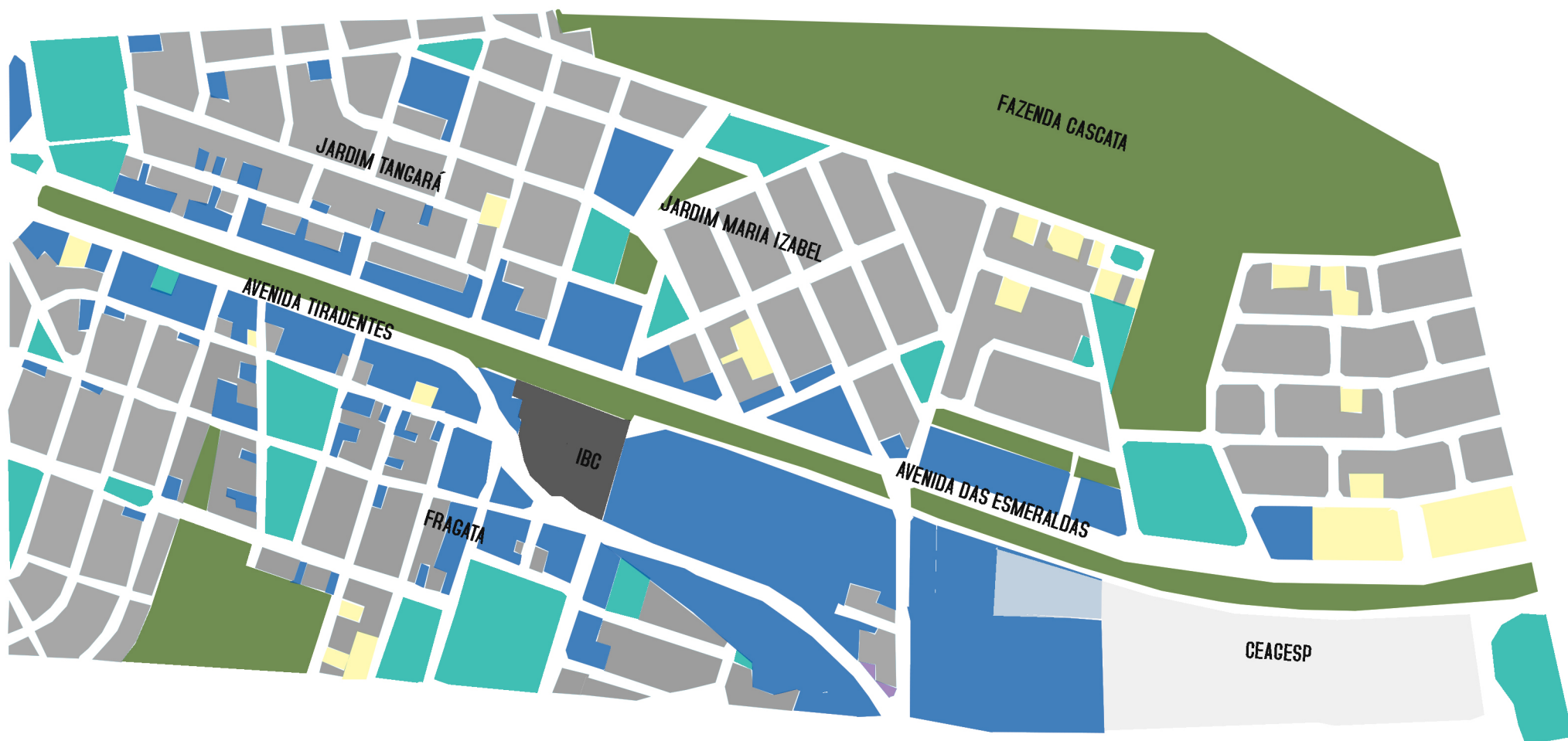


Figura 18: Mapa de uso e ocupação.

Fonte: Mapa da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano de Marília, modificado pelo autor.

6.2.DERIVA.

Os primeiros passos para a análise do entorno começaram com a atividade de derivas na região do terreno e foi através delas que encontramos umas das principais maneiras de analisar a sensação do espaço, a rotina e o comportamento de seus usuários, de maneira a perceber que o trajeto era um símbolo muito importante para entender o local e a partir dele, de suas vias ser capas de entender ou ao menos analisar a vida que abriga aquele lugar. Por isso a análise é feita inicialmente considerando três pontos que se fazem presentes na paisagem, podem ou não interagir entre si, mas que qualificam e consolidam a região do entorno do terreno. São eles as vias, as edificações e as dinâmicas sociais, além do próprio terreno do antigo IBC.

Localizado entre duas avenidas importantes da cidade, a Avenida das Esmeraldas e Avenida Tiradentes apresenta o setor comercial consolidado, trazendo atividades urbanas diversificadas a região. Na margem oeste, o vazio é limitado por dois supermercados, responsáveis por atrair diariamente um elevado número de pessoas nessa região da cidade, a importância dessa particularidade está na forma como a presença desses pontos no local consegue atrair grandes massas de população de diversas áreas da cidade. Embora aparente prosperidade, podemos levantar fatores de contrastantes em suas funções e ocupações.

O primeiro fator analisado é diferenciação das vias do seu entorno, na extremidade norte do terreno encontra-se Avenida das Esmeraldas, com características de via coletora que tem acesso a bairros de alto padrão e condomínios fechados de luxo, sua extensão é ocupada de um lado por uma pista de caminhada e do outro, em sua maioria, por lojas de alto padrão, bistrôs, restaurantes e um shopping, gerando alto movimentação de pedestres e automóveis. Já na extremidade sul, a Avenida Tiradentes, possui característica de via rápida, em sua maioria ocupada pelo comércio, como lojas de material de construção, concessionárias, postos de gasolina e bancos, utilizada como via de ligação do centro da cidade a bairros mais afastados e também conjuntos habitacionais de interesse social, estando presentes nela os pontos de coleta de passageiros do transporte público, em sua maioria apresenta maior circulação por automóveis.

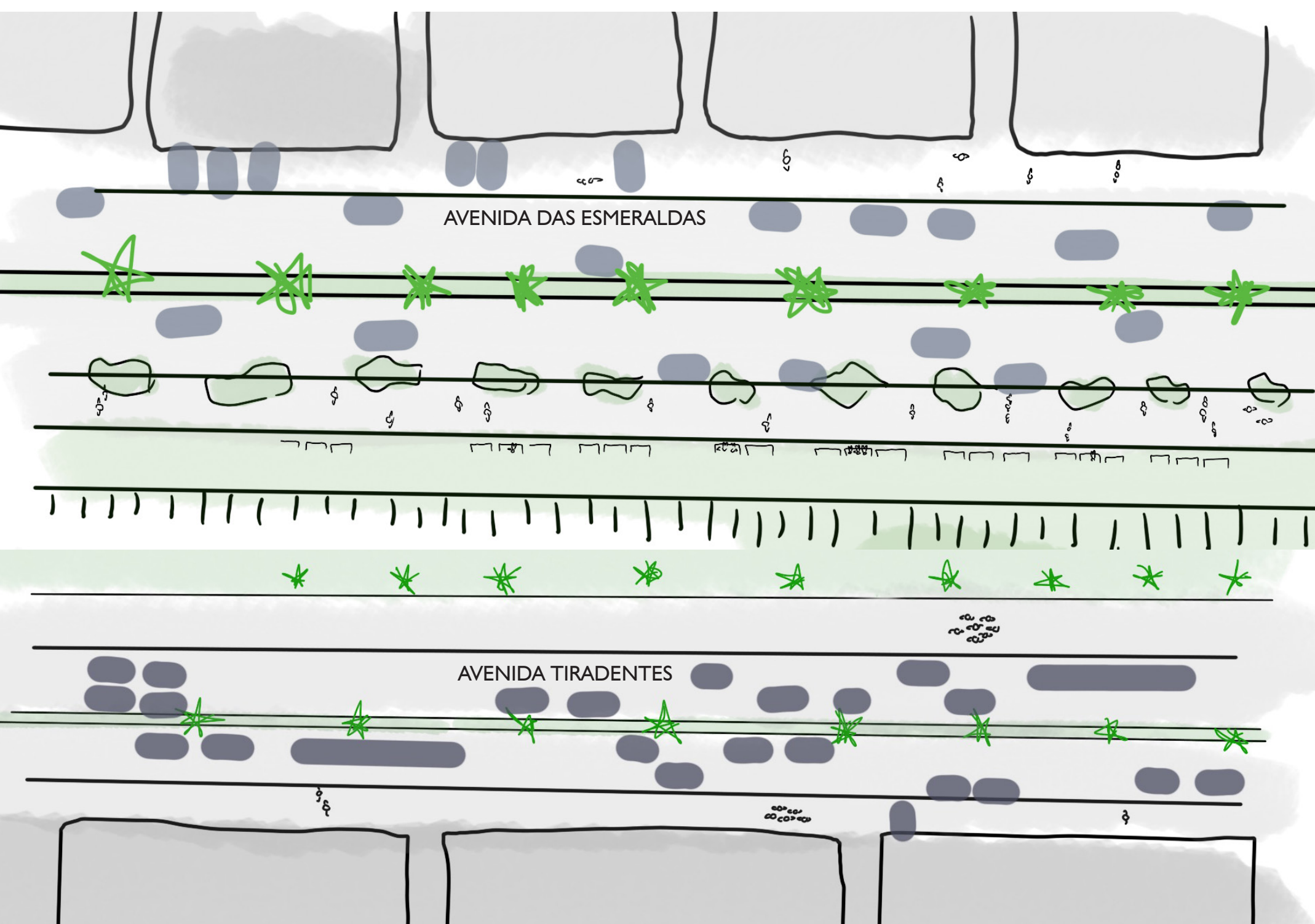
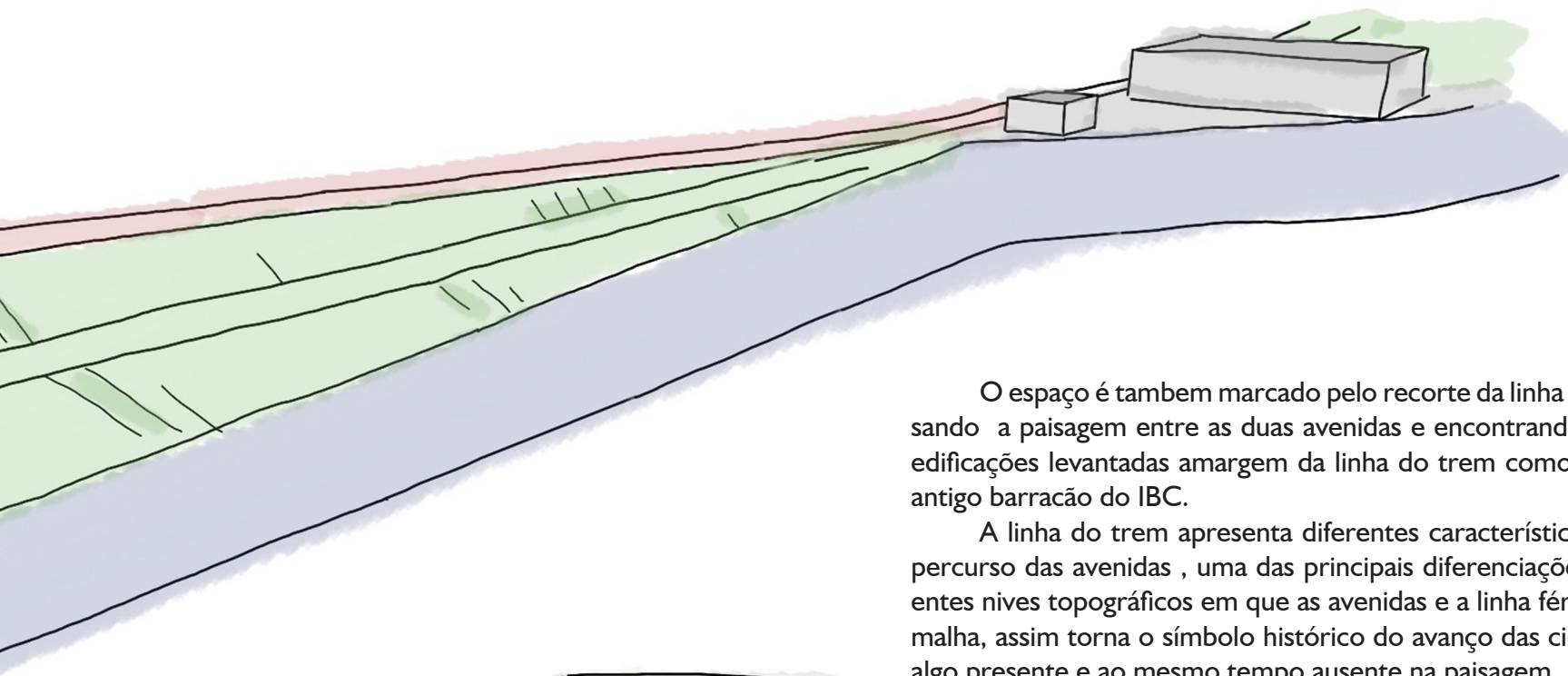
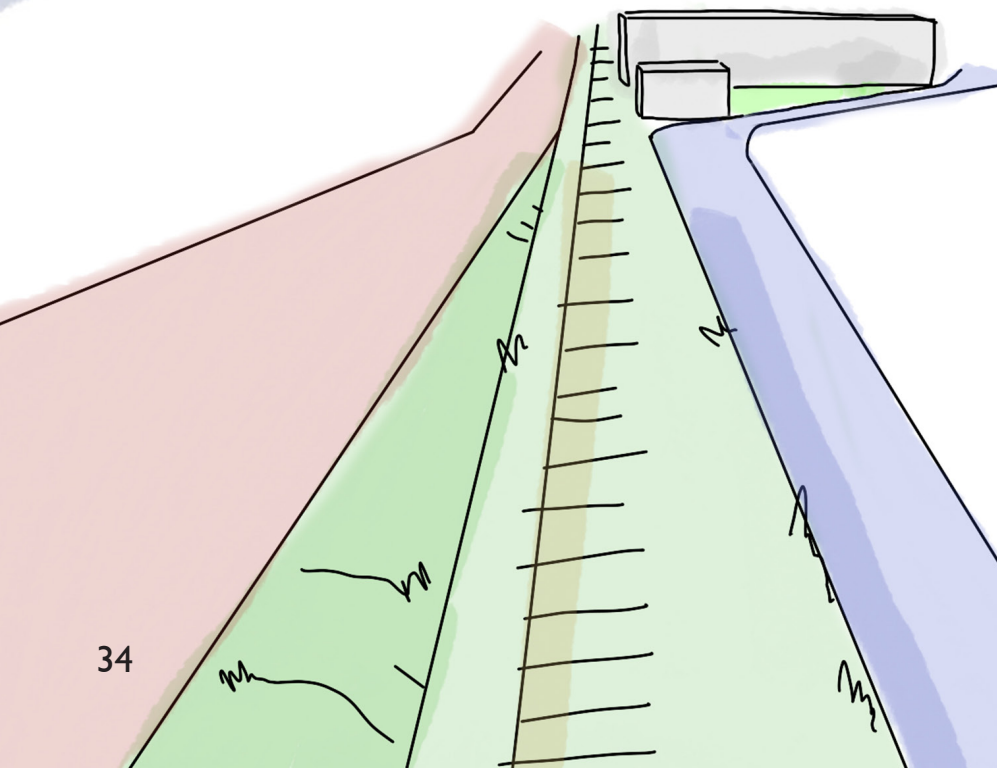


Figura 19 : Croqui esquemático de diferenciação das avenidas Tiradentes e das Esmeraldas. Fonte : Autor



O espaço é também marcado pelo recorte da linha férrea, atravessando a paisagem entre as duas avenidas e encontrando com algumas edificações levantadas amargem da linha do trem como é o caso do antigo barracão do IBC.

A linha do trem apresenta diferentes características ao longo do percurso das avenidas, uma das principais diferenciações são os diferentes níveis topográficos em que as avenidas e a linha férrea recortam a malha, assim torna o símbolo histórico do avanço das cidades do oeste algo presente e ao mesmo tempo ausente na paisagem.



As características topográficas também ditam a maneira de ocupação dos espaços vazios adjacentes à margem da linha, a topografia acidentada além de isolar a linha férrea também distancia a ligação entre as avenidas, sendo o acesso entre elas feito regularmente pelas extremidades das avenidas e também por caminhos irregulares onde o relevo apresenta diferenças menos relevantes.

Figura 20: Croqui do relevo entre as avenidas Tiradentes e das Esmeraldas.
Fonte : Autor

Retomando a análise da expansão da cidade, as duas vias se apresentam como exemplo de agente direcionador do crescimento da cidade. O comércio consolidado que ocupam a margem das avenidas, edificam a região e qualificam o espaço criando subcentros como foi percorrido ao tratarmos da expansão urbana.

O recorte da paisagem pelas suas edificações, embora apresentem características diversas devido a função específica, já citada anteriormente, opondo o comércio de alto padrão da Avenida das Esmeraldas e serviços a margem da Avenida Tiradentes, possuem uma homogeneização de seus gabaritos. A concorrência por fachadas cada vez mais exuberantes, com marquises luminosas e fachadas de vidro na Avenida das Esmeraldas, é percebido de maneira mais simplificada no comércio que ocorre na Tiradentes que fica a sua frente. Ambas apresentam um gabarito onde não ultrapassam os o segundo andar, exceto pelas novas torres que surgem próximo ao terreno na Avenidas das esmeraldas e no interior do bairro Fragata, localizado atrás da Avenida Tiradentes.

Embora ambas as vias representem o acesso de áreas afastadas ao centro da cidade, contrasta o tipo de organização produzidas em cada extremidade, nelas a segregação espacial é distinta pela

desigualdade social. Enquanto a Avenida das Esmeraldas representa o triunfo das elites que se organizam em condomínios fechados acessados pela mesma, a Avenida Tiradentes representa um dos acessos da cidade a áreas mais afastadas do setor Sul, como o bairro Nova Marília que abriga segmentos de menor poder aquisitivo.



Figura 21: Croqui de gabarito.
Fonte : Autor

Outro fator considerado é a as atuais dinâmicas sociais que contornam o terreno, considerando as características e comportamento das camadas em relação ao espaço e o tempo. A análise de campo mostra que o espaço apresenta diferentes hábitos de seus usuários, sendo essa distinção produzida através da classe, faixa etária e o tempo.

As práticas comuns nos dias úteis da semana são funcionamento normal dos comércios quem margeiam, o movimento dos moradores dos bairros adjacentes, assim como o fluxo continuo das avenidas, que ligam as áreas ao centro da cidade. Devido à proximidade colégios particulares, a presença dos jovens é maior durante o período da tarde, buscam atividades de lazer no shopping center, lanchonetes e franquias de fast food, resultando na ocupação e principalmente o deslocamento pelas avenidas e a pista de caminhada das Esmeraldas. Ao fim da tarde o movimento se torna mais intenso, com o fim do turno de trabalho, a fluxo centro em direção a áreas periféricas cresce, simultaneamente outras dinâmicas se intensifica, aumenta o movimento das atividades de esporte ao longo da pista de caminhada das esmeraldas, assim como a procura dos dois maiores supermercados varejistas do município, o Tauste Norte e Confiança Esmeraldas. Essas atividades se mantem ao longo da noite reduzindo gradativamente, após o fechamento dos mercados, o comercio se restringe aos estabelecimentos como bares, bistrôs, restaurantes, conveniências e redes de fast food.

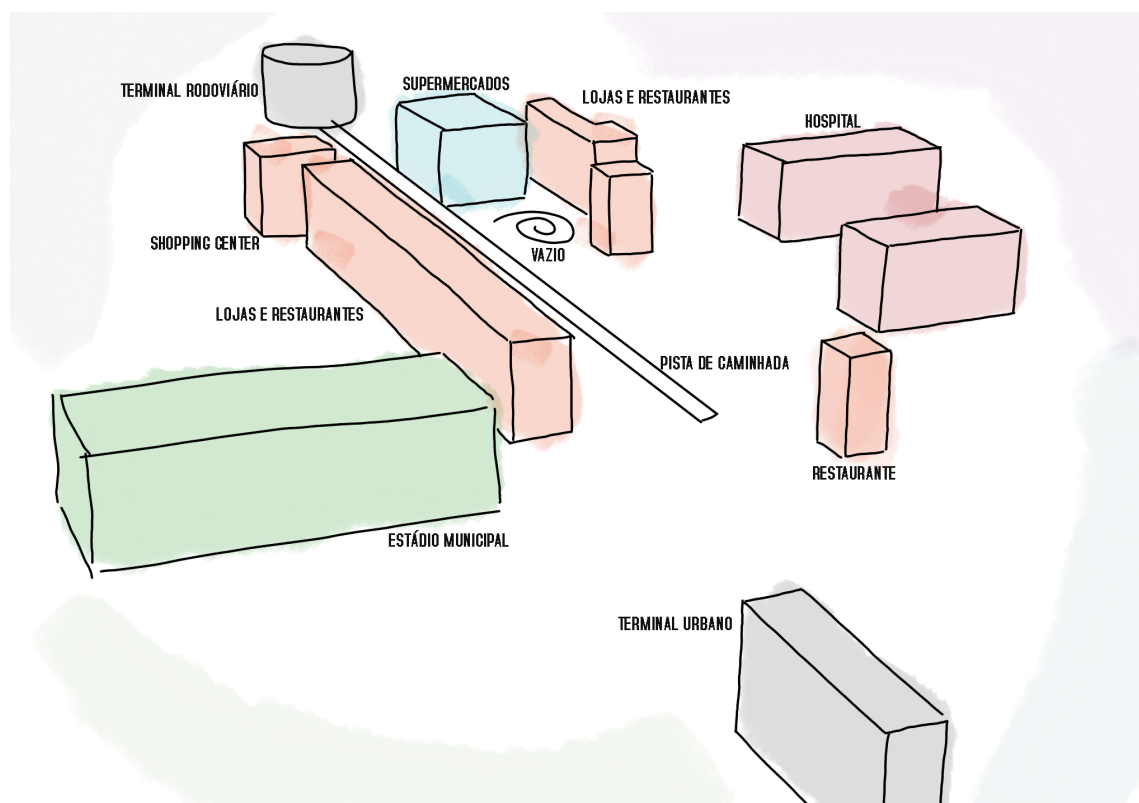


Figura 22: Croqui volumétrico de edificações que atraem as massas sociais para a região.
Fonte : Autor

Aos finais de semana a mobilidade entre as regiões da cidade se reduz, acompanhando o fechamento do comércio, os maiores fluxos de deslocamentos acabam por se restringir ao período da manhã de sábado onde seu funcionamento normal se estende até o meio dia, não é observado a mesma redução ao redor do vazio estudado, trata-se de uma região de funcionamento especial, percebe-se um aumento das atividades de lazer ao longo de todo o dia, sábado e domingos apresentam uma maior procura por estabelecimentos comerciais alimentícios, atraindo as pessoas para os restaurantes, quiosques e bares da área. Outras atividades de consumo são fomentadas aos finais de semana, sendo o período de maior movimento e consumo dentro do shopping center, mercados mais uma vez encontram em movimentação intensa, desse modo, as práticas de lazer muitas vezes ligadas ao consumo mantem a dinâmica da região. O ponto que chama mais atenção para a área, nos finais de semana, é a vida noturna que ela apresenta, tratada como um foco de atração da cidade, cria-se uma zona de interação de diversas massas da sociedade, que se complementam ocupando um mesmo espaço, mas que, ao mesmo tempo, se diferem através das atividades que exercem. Concomitantemente o espaço é ocupado, mas apresenta direcionamentos opostos, resumindo a interação social para a fachada dos estabelecimentos e as áreas de circulação e acesso da via pública. A divisão é feita pelas atividades de consumo que distanciam as camadas sociais no espaço, o deslocamento de pessoas com poder aquisitivo inferior se restringem a vias pública, e espaços comuns abertos de determinados estabelecimentos como o shopping e os postos de gasolina e espaços de transição entre o público e o privado, já as massas sociais com maior poder aquisitivo

além de ocupar as áreas comuns estão presentes também dentro de restaurantes, bares, bistrôs, pagando por entretenimento.

É também no período noturno que o vazio se apaga no meio de seu entorno, as luzes das fachadas dos edifícios se ascendem destacando suas vitrines e suas atividades. As pessoas que circulam nas adjacências do terreno, tanto de automóvel como a pé, mesmo se encontrando muito próximas ao espaço, acabam não criando nenhuma relação com ele, que, embora quantitativamente relevante, é qualitativamente ofuscado pelas seduções do entorno.

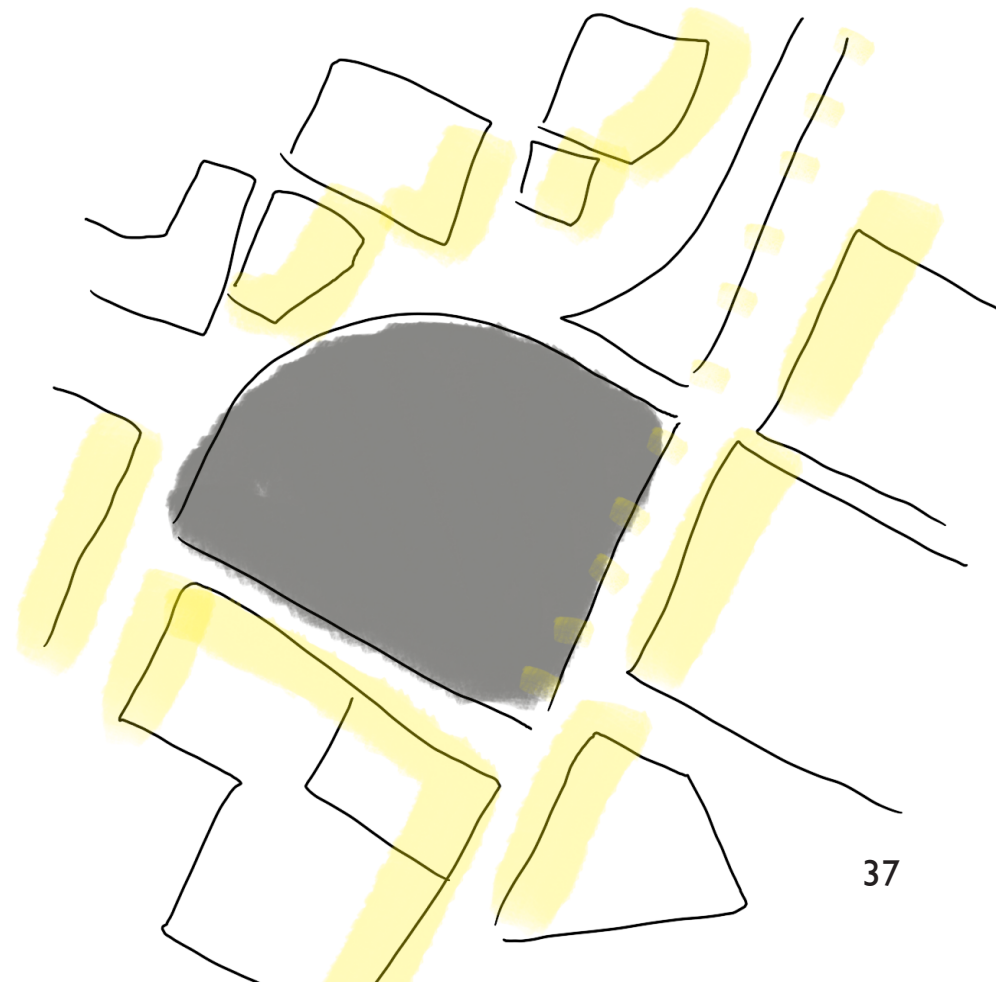


Figura 23: Croqui esquemático da iluminação da região durante a noite.
Fonte : Autor



Figura 24: Croqui esquemático das dinâmicas sociais na região ao longo do dia , percebemos nele a maneira de interação entre as classes sociais e a ocupação dos espaços público e privados.
Fonte : Autor



Figura 25. Fonte : Acervo do autor.



Figura 26. Fonte : Acervo do autor.

REGISTROS FOTOGRAFICOS

Figura 25 - Avenida Tiradentes no período vespertino, podemos observar a ausência de pedestres nas ruas, a qualidade dos passeios públicos e o tráfego rápido de veículos.

Figura 26 - Avenida das Esmeraldas também em período vespertino, embora não estando em horário de maior movimento, já é notado uma maior presença de pedestres, passeios públicos melhor qualificados e a quantidade de veículos estacionados, presumindo a permanência de seus proprietários na região.



Figura 27. Fonte : Acervo do autor.



Figura 28. Fonte : Acervo do autor.



Figura 29. Fonte : Acervo do autor.

Figura 27 - Nessa imagem temos a presença de pessoas criando caminhos irregulares para o acesso de uma avenida a outra, a importância dessa imagem é pelo fato desse caminho ser dentro do próprio vazio estudado nesse trabalho.

Figura 28 - Nessa imagem temos, mais uma vez, caminhos criados pelos próprios usuários entre as duas avenidas, nessa imagem está bem evidente o cruzamento da linha férrea, e o caminho demarcado de maneira mais concreta.

Figura 29 - Foto da linha do trem deixando bem notório a diferença entre o relevo das avenidas.

Figura 30 - Ponto do Transporte público na Avenida Tiradentes, das duas avenidas que tangenciam o vazio é a única que possui os pontos de coleta do transporte público. Sendo esses pontos as áreas de maior ocupação do espaço público nessa avenida.

Figura 31 - Final de tarde na Avenida das Esmeraldas, espaço marcado pela pista de caminhada, e que atrai todos os dias pessoas de todas as direções da cidade e movimenta o entorno do vazio.



Figura 30. Fonte : Acervo do autor.



Figura 31. Fonte : Acervo do autor.



Figura 32. Fonte : Acervo do autor.

Figura 32 - Pais e Mães ocupando o limite do vazio urbano em um sábado de manhã, encontro de famílias que ocuparam o espaço para trocar experiências, para lazer e o ócio.

Figura 33 - Nessa imagem a apropriação do espaço é feita por estudantes que usam do vazio para o ensaio de atividades de percussão, mas quem esta presente diariamente nas margens do vazio, sabe que atividades de carater esportivo também são populares na região.

Figura 34 - A vida noturna da Avenida das Esmeraldas, marcada pela presença de bistros e restaurantes de alto padrão, acompanhado pelo brilho das fachadas do comércio que mesmo fora do horário de funcionamento, apresentam vitrines convidativas.

Figura 35 - Do outro lado da avenida, jovens costumam ocupar o passeio público, tornando a pista de caminhada ponto de encontro, outro simbolo da fotografia é a presença de um morador de rua que também divide o espaço.



Figura 33. Fonte : Acervo do autor.



Figura 34. Fonte : Acervo do autor.



Figura 35. Fonte : Acervo do autor.



7. LAZER E CULTURA.

Através das leituras feitas no local é perceptível que os motivos que sustentam a permanência de usuários do entorno está muito relacionado ao entretenimento e lazer, não só pelas atividades comerciais que ali se faz presente, mas também à própria ocupação das áreas públicas que embora tímida ou desqualificada, já tem seu papel nesse processo de movimentação de massas.

Partindo do lazer como premissa inicial para a proposta de intervenção, experiências e heranças culturais da cidade mostram a existência de uma relação próxima da população do município com essa temática ao longo da história da cidade, atividades de lazer também aparecem na formação urbana de Marília, sendo o termo lazer definido pelo dicionário Aurélio, como aquilo que é permitido, de significado antagônico a obrigação, as atividades de lazer na sociedade são opostas ao trabalho, são aquelas que são efetuadas pelo prazer e pelo entretenimento da população.

Como apresentado no capítulo de crescimento demográfico da cidade, a industrialização foi propulsora de mudanças no planejamento e crescimento da cidade, mas trouxe também para o município valores que enriqueceram Marília em diferentes âmbitos. Marília no seu processo de crescimento populacional, as indústrias que chegam, devido crise da produção de café que atingiu o país, e impulsionam o desenvolvimento e modernização da cidade, se transforma em uma terra acolhedora de pessoas e de novas ideias, surge nesse contexto atividades que ajudaram na prosperidade de sua evolução e disseminou o lazer e a cultura para os cidadãos ao mesmo tempo que valorizou a sua história. As atividades de lazer e cultura na cidade, apresenta então grande relevância no desenvolvimento da sociedade mariliense, e tem seus ápices ou marcos que se evidenciam através do surgimento de organizações e espaços na cidade que propagava e se mantém propagando o entretenimento a população. Assim Marília foi berço de varias iniciativas de destaque regional, nacional e até mesmo internacional, sendo essas atividades sobreviventes nas diferentes vertentes que se transformaram com o passar do tempo.

Embora o avanço industrial e a sociedade capitalista priorizando o trabalho em detrimento do trabalhador, as práticas de lazer na sociedade denota importante parcela no desenvolvimento cultural de uma cidade, pois é do ócio que surge a criação artística e a filosófica. Além do caráter lúdico, prazeroso do momento de lazer, questões quanto a qualidade de vida é considerada, pois é o período de encontro do trabalhador com sua vida social, com a sua estrutura família e com a sociedade em que vive, além de ser o momento em que repõe a sua vitalidade desgastada pelo expediente de trabalho.

A fim de dar continuidade à análise, é valoroso identificar os espaços criados na malha urbana para a manifestação de tais práticas. A análise levanta lugares públicos que na história da cidade representam locais de encontro de volumosos agrupamentos da sociedade, lugares que possibilitavam a liberdade de expressão da população, os movimentos da sociedade em relação a sua criação na construção de uma cidade humanizada, valorizando a relação do indivíduo com a cultura e o seu vínculo a cidade. esse potencial histórico então foi levantado, de maneira a inspirar, fortalecer e enriquecer o desenvolvimento dessa atividade, e seus protagonistas.

A necessidade de lazer é universal, e as culturas locais devem ser consideradas como condicionantes para a correta aproximação ao “fazer” espaços de lazer; quando se traz a determinante variável cultural, não se está falando de diferenças culturais continentais, nem mesmo nacionais, mas para uma correta aproximação há que se considerar as particularidades regionais, as micro culturas, ouvir a comunidade local, desenvolver ideias inclusive no sentido de áreas “abertas” à interação do usuário.(BLOCH, 2017)

Teatro Municipal

Teve início a construção do Teatro Municipal de Marília no ano de 1978, segundo Matos (2013), sua arquitetura em estilo clássico o projeto com capacidade para 500 espectadores, o edifício se mostra maleável a adaptações e modificações em sua estrutura, para atender a modernização da sociedade contemporânea e assim melhor atender as necessidades do público.

Construído sobre onde era improvisado o teatro Arena, famoso pelas apresentações do Grupo Amador de Teatro (GAT) e o Grupo estudantil de teatro amador (Getam), de tradição na cidade no final da década de 50 até meados de 70, com objetivo de solucionar os problemas de caráter sociocultural do município. (MATOS, 2013)

O teatro foi palco de diversos eventos importantes como “Noite dos Pioneiros”, Festival de Teatro Amador da Alta Paulista, Festival de monólogos, Semanarte, Festival de Dança e apresentação de grandes espetáculos musicais e teatrais de artistas regionais e nacionais. (MATOS, 2013).

Biblioteca Municipal “João Mesquita Valença”

A Biblioteca Municipal de Marília tem sua origem no ano de 1930, seu funcionamento era integrado ao Grupo Escolar da cidade, por isso muitos consideram que sua fundação tenha se dado alguns anos depois. Em janeiro de 1941, é decretado por lei na gestão do prefeito da cidade, Senhor José Nelson Carvalho, a concepção oficial da Biblioteca Municipal de Marília. É então inaugurada no mês de abril de 1944 a Biblioteca Municipal na Avenida Sampaio Vidal, e tem como a tarefa de levar a leitura para a população mariliense. (MATOS, 2013)

Segundo Matos (2013), após sua abertura, novas atividades foram sendo anexadas ao edifício. Em 1959, com o objetivo de reconstruir a história de Marília, é criado o Museu Municipal Embaixador Hélio Antônio Scarabotolo. Já no século XXI, em 2004 foi inaugurado o Museu Paleontológico da cidade, que possui em seu acervo fósseis da era geológica encontrados na região, patrimônios expostos e disponíveis para a população no horário do seu funcionamento. O museu promove também as atividades de pesquisa e grupos de escavação. É o único museu com essa temática no estado, o que trouxe para a cidade a atenção de pesquisadores. O Clube do Cinema da cidade também se localiza no piso superior do edifício, que possui também em suas dependências o Auditório “Octávio Lignelli” e a sala de Projeção Municipal.

Atualmente o acervo com mais de 45 mil obras, está sendo transposto do prédio histórico da Avenida Sampaio Vidal para Avenida São Luís, essa mudança visa a modernização e adequação do espaço necessário para a conservação das obras, além de melhoria quanto a sua acessibilidade e proximidade da população.



Figura 37: Edifício do Grupo Escolar da cidade.
Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

Espaço cultural e de Lazer Ezequiel Bambini.

Requalificando um antigo barracão da FEPASA desativado devido o fim do funcionamento da linha de trem, segundo a Secretaria Municipal da Cultura de Marília, foi inaugurado na Avenida Sampaio Vidal em dezembro de 1991 o projeto do espaço Cultural e de Lazer “Ezequiel Bambini” na cidade de Marília.

Com capacidade para 700 pessoas, o projeto é composto um palco de apresentações com arquibancada e mais dois grandes salões de exposição. Atualmente no Espaço Cultural são executados projetos permanentes da Secretaria Municipal da Cultura, entre eles a ca-poeira, tênis de mesa, banda marcial além de manifestações culturais da comunidade.

O Bosque Municipal Rangel Pietraróia.

Conforme o site do Bosque ⁹, executado pela equipe da Secretaria do Meio Ambiente de Marília, a obra da prefeitura da cidade, o Bosque Rangel Pietraróia surge com o projeto de abertura de alamedas, construção de equipamentos públicos e também um viveiro para animais silvestres, em uma reserva florestal de Mata Atlântica, comprada pelo município nos anos de 1942 que mantinha nela até o ano de 1974 apenas atividades de exploração. Atualmente a reserva com aproximadamente 20000 metros quadrados é protegida por lei municipal como unidade de conservação por incluir na sua fauna e flora exemplares raros de espécies nativas como o jequitibá, peroba-rosa e o pau-brasil.

O espaço é mantido na cidade para a pratica de atividades de lazer e cultura junto com a sociedade. Administrado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente que desenvolve na reserva o Centro Curupira de Educação Ambiental como seu principal objetivo o incentivo de estudos e pesquisas sobre a fauna e flora, e atividades ecológicas educativas aos alunos das redes de Ensino Público e Privado, essas atividades são abertas também a população.

⁹ Dados disponíveis em: <http://www.bosquemarilia.blogspot.com.br/>

SESI

É inaugurado no ano de 1986, segundo Matos, em área periférica da cidade, na Avenida João Ramalho o Conjunto educacional, Assistencial e Esportivo Lázaro Ramos Novaes, o Sesi de Marília, o edifício em estilo modernista se diferenciava das demais construções da cidade. (MATOS, 2013)

O órgão tinha como objetivo atender aos filhos de trabalhadores das indústrias, que já representava na cidade um forte setor. Em seu complexo fazem parte áreas que estimulam atividades de lazer e culturais.

Estádio Municipal Bento de Abreu Sampaio Vidal.

Marília tem em sua história a formação de dois grandes times de futebol que além de representar a cidade em campeonatos nacionais, também estimularam o esporte entre os jovens da cidade, são eles o Marília Atlético Clube (MAC) fundado no ano de 1994 e o time São Bento fundado em 1928 em homenagem a Bento de Abreu Sampaio Vidal. (MATOS, 2013)

Segundo Matos (2013), o Estádio Municipal Bento de Abreu Sampaio Vidal foi doado pelo patrono da cidade Bento de Abreu, como incentivo ao esporte na cidade. O estádio já foi sede para grandes disputas, passando por eles clubes de realce no futebol paulista. Além dos eventos esportivos o espaço é esporadicamente utilizado para sediar outros tipos de atrações, apresentações musicais, eventos comemorativos da rede pública de ensino, sempre proporcionando diversão ao município.

Figura 38: Time do Marília Atlético Clube em 1962.
Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.





A Rádio Clube de Marília

Segundo site da Rádio Clube de Marília ¹⁰, a sua história começa com Pedro Marinho de Mello Junior, jovem que veio para a cidade trazendo ideias inovadoras, junto com seu colega Gustavo Gam, realizaram em Marília no ano de 1936, a primeira transmissão de ondas médias da região do centro oeste paulista. Nasce nesse momento a primeira emissora de rádio da região, a Rádio Clube de Marília, originalmente instalada em uma construção modesta, com capacidade para 160 pessoas, localizada na Avenida Gonçalves Dias de frente para a Delegacia de polícia.

No dia 22 de julho do mesmo ano a radio já se encontrava em funcionamento. O acontecimento criou na sociedade de marilienses, em sua maioria compostas por analfabetos, um sentimento e exaltação e euforia. O meio de comunicação que atingiria a toda as camadas sociais pois não dependia da capacidade de leitura para seu usufruto, onde declamadores, pianistas e cantores, demonstravam os seus talentos.

Em 1938, Oscar de Moraes Barros em sociedade com Pedro Marinho de Mello Junior, promove uma reestruturação na emissora, tornando- uma das melhores em nosso Estado. A Rádio Clube de Marília passou a convidar artistas de renome no cenário nacional, festivais mensais foram desenvolvidos, alternando suas atrações para que tanto artistas nacionais como regionais fossem prestigiados. Dessa forma proporcionando, a cidade, momentos de lazer e arte.



Figura 40: Prédio da Rádio Clube de Marília.
Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://www.radioclubemarilia.com.br>



O Clube de Cinema de Marília

Segundo Bispo (2015), em seu processo de urbanização, no final da década de 30, a cidade já fornecia as áreas centrais da cidade infraestrutura mínima. E nessa conjuntura, onde a cidade apresenta características de consolidação, começam a serem abertas salas de projeção. Surgem na zona urbana de Marília o Cine Municipal (1927), Cine popular (1929), Teatro São Bento (1929), Cine Teatro São Luiz (1930), Cine Marília (1941), Cine Teatral Peduti (1966).

O cinema durante toda sua trajetória sempre foi um dos pontos de encontro da cidade, ilustrando não só um espaço de estudo, entretenimento e consumo, mas também um espaço de interação social. (BISPO, 2015 Pag.06)

No passado, os cinemas representaram para as pessoas o espaço mágico da fantasia, da música, da utopia, da realidade, do sonho, da esperança. E foram também um ponto de encontro fundamental para a cidade. (LERNER, J 2010. Pag.13)

No ano de 1952, dia 12 de outubro, se inicia o Clube de Cinema de Marília. Resultado do avanço cultural da cidade, objetivo do clube era de projeção de filmes difundindo na cidade a cinematografia como arte e cultura. As primeiras exhibições foram em prédio localizado na rua Maranhão, com o passar do tempo o clube diversificou suas atividades, passou a oferecer cursos de cinema, simpósios e festivais de cinema, manteve também em suas instalações o Jornal Curumim com o propósito de divulgar a programação dos cinemas de Marília. (SMCM, 2009).¹¹

O Primeiro Festival de Cinema no Brasil foi uma das organizações do Cine Clube em Marília no ano de 1960, o evento atingiu repercussões de dimensão nacional e internacional, acolhendo na cidade grandes celebridades do cinema nacional da época entre convidados e premiados. (SMCM, 2009)

A Secretaria Municipal de Cultura da cidade, órgão responsável pela administração do clube, ressalta que o Clube do Cinema de Marília é um dos mais antigos do Brasil, e mantém em funcionamento ininterrupto desde sua fundação até os dias de hoje. Atualmente se localiza no pavimento superior da Biblioteca Municipal João Mesquita Valença localizado na Avenida Sampaio Vidal.

¹¹ Dados obtidos da Secretaria Municipal da Cultura Marília (SMCM), disponíveis no site da Prefeitura de Marília.



8. COMO INTERVIR?

O questionamento é sobre o uso e ocupação de um espaço esquecido tratado como um vazio urbano, necessitado de adesão do mesmo ao entorno adensado e que conseqüentemente rico de funcionalidades e história, levou a reflexão sobre as possíveis atividades que ali poderiam ocorrer. A procura de uma proposta de qualificação que proporcione o fortalecimento e de certa forma, uma expansão das atividades cotidianas da região, e ao mesmo tempo na tentativa de entender os motivos pelo qual os usuários se aglomeram na região, quais as atividades que ali se propagam e motivam a convergência dessas pessoas.

Seria o entorno, o espelho que reflete a atual situação de estagnação do vazio, seria esse estado algo singular e desconectado a cidade, a quem ele deve atender e de que forma ele deve se relacionar. A verdade é que cabe ao arquiteto e urbanista entender os sinais que o local exhibe, o que são esses espaços na cidade, vazios que por mais que se apresentem abandonados, carregam consigo uma bagagem muitas vezes invisível em um primeiro olhar, porém que esta ali e se mantém no espaço tempo. Esses espaços que existem com o mínimo de laço afetivo com a sociedade, foi alvo de estudo para Ignasi de Solà-Morales utilizando do termo em francês *terrain vague* escreveu sobre a presença dos espaços ignorados ou em desuso, alheios ou sobreviventes a quaisquer sistemas estruturantes do território.

Segundo ainda o trabalho do autor, o tratamento dado a essas áreas muitas vezes se resumem no instinto do arquiteto em ocupar, racionalizar e edificar esses espaços, muitas vezes de maneira invasiva ou por motivos desconhecidos. Ignasi propõe a leitura desses espaços “ (...) através da atenção à continuidade. Mas não da continuidade da cidade planejada, eficaz e legitimada, mas, todo o contrário, através da escuta atenta dos fluxos, das energias, dos ritmos que o passar do tempo e a perda dos limites têm estabelecido.” assim, ocupar o que é tido como estranho, agregando vida ao espaço vago mas respeitando o vazio e o pré existente, sem esquecer do seu histórico e nem copia-lo, mas sim, agregar a arte e a liberdade do espaço.” O entusiasmo por esses espaços vazios, expectantes, imprecisos, flutuantes, em código urbano, a resposta a nossa estranheza ante o mundo, ante nossa cidade, ante nós mesmos.”

O arquiteto Luis Laurent Bloch também escreve sobre os vazios e a sua importância em meio a malha urbana. O autor articula a maneira como o espaços abertos e de livre acesso, apresentando qualidade de ocupação e que garanta a segurança mínima aos seus usuários a permanecerem no espaço, estimula a interação social, as trocas culturais e lúdicas dos indivíduos.

Este ouvir as comunidades usuárias não leva, em absoluto, obrigatoriamente, à especialização de espaços, leva a preparar a área para que os membros da cultura para qual o espaço foi pensado possam ali exercer atividades sem qualquer constrangimento aportado por um local “estrangeiro” e possa, se assim for o desejo das pessoas, facilitar a uma adaptação/inserção, se desejada, ao novo país. (BLOCH, 2017)

Só a ideia de espaços livres onde as pessoas possam criar seus cantinhos de lazer sem tropeçar em sofisticados e indecifráveis equipamentos ou em quiosques que nos invadem com ofertas de criativos e orgânicos quitutes. O terreno vazio dá margem a múltiplos usos, múltiplas oportunidades de participação, de convite ao ócio. (BLOCH, 2017)

Considerar a ideia do espaço livre uma opção para a proposta de intervenção direcionou o trabalho ao estudo dos espaços públicos, necessário para entender suas características e a sua participação na vida da cidade. O tema do espaço público é muito recorrente em estudos urbanos, é de grande importância entender o papel que eles representam em meio às cidades, como eles podem interferir na qualidade da malha urbana e também os efeitos provocados por eles na sociedade, para isso foi feito um levantamento conceitual do tema para melhor análise dos espaços dessa natureza existentes em Marília, cidade em questão nesse trabalho.

Silva (2009) define como algo bastante complexo o termo “espaço público. Em sua visão, a natureza do espaço público, dentro da abrangência do urbanismo, diz respeito ao seu uso e as práticas sociais que ele propicia, ou seja, as dinâmicas da cidade e da sociedade podem vir a criá-los. Trata-se de uma dimensão sociocultural que faz do espaço público o lugar de relação e de identificação, de contato entre as pessoas e, às vezes, de expressão comunitária, podendo ser considerado o espaço estruturador do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania, sendo um espaço físico, simbólico e político. A característica essencial dos espaços públicos é configurar uma rede contínua que se estende a toda a área urbana, assumindo diferentes papéis, entre eles, fazer possível a expressão e a percepção interna da forma da cidade, introduzir variantes na paisagem urbana mediante diversas formas de articulação, promove espaços de representação e de identificação social, espaços para o ócio do cidadão.

Para Brasil (1993) os espaços abertos e públicos, se referem a áreas de dinâmica de circulação, relações e eventos múltiplos e simultâneos. Cria-se uma dicotomia de duas categorias de espaços físicos na cidade, expressa pelo contraste entre casa e a rua, em nossa cultura vista como mundos distintos e opostos, onde a casa representa valores básicos da sociedade e seus moradores se reconhecem como indivíduos, por outro lado, a rua é um espaço de movimento do trabalho, do inesperado e da alteridade onde o indivíduo deve ser tratado como cidadão. Considerando a cidade como palco dos interesses cuja racionalização está no valor das trocas proporcionadas pelo

espaço e a otimização de seus usos.

Na perspectiva de Leite (2004) o espaço público é visto como uma categoria sociológica constituída pelas práticas que atribuem sentidos diferenciados e estruturam lugares cujos usos o qualificam e atribuem sentido de pertencimento, orientando ações sociais, refletindo diferentes e desiguais representações, relações sociais e modalidades de interação, reconhecendo o igual direito de manifestações das diferenças no contexto sócio espacial caracterizado pelas assimetrias advindas da relação de poder. Espaço como ambiente da diferença, que demarcam contextos e sentidos resultante de desiguais modalidades de interação, são áreas de gentrificação, construídos pelas diferentes disputas de igualdade.

A discussão da relação dos espaços públicos e do seu entorno é muito abordado pelas questões de interação, apropriações e diversas funcionalidades dada aos espaços pelos usuários, sendo muitas vezes essas práticas o próprio agente criador dessas demandas na malha urbana. Os parques e praças constituem território de interação podendo ser de caráter individual ou coletivo, e passível de apropriação, não é apenas resultante dos processos sociais, mas também a sua pré-condição. O espaço físico participa de criação de novas formas de sociabilidade através da construção de novos espaços ou na capacidade de releitura do espaço existente, possibilitando novas ou inusitadas formas de apropriação.

Retomando os estudos de Silva (2009) seu entendimento ao analisar os espaços abertos, livres de edificações e públicos, no sentido de livre acesso que se materializam através de praças, parques, largos, ruas, frentes marítimas, calçadões, entre tantos outros, ambientes de estímulo a práticas de cidadania, formando um pacto social estabelecido simultaneamente como uma relação de pertencimento a um grupo e de pertencimento a um território. Entende por cidadania uma condição que reconhece os mesmos direitos e deveres para todos os que vivem e convivem em um mesmo território, caracterizado por uma forte continuidade física e relacionado com uma grande diversidade de atividades e funções.

Representando pontos na rede urbana de conexão do indivíduo com a comunidade, através das múltiplas práticas que impulsionam a interação social ou também o descanso individual, é encontrado no espaço público qualquer tipo de atividade e manifestação social, possibilitado pela liberdade que o espaço produz. Estimulando assim, pela existência deles, o sentimento de pertencimento do cidadão na sociedade e o afeto criado entre o homem e a cidade. É partindo da consciência da dimensão da capacidade dos espaços públicos de aproximação da sociedade com a cidade, que se fez importante a análise da situação atual dos espaços públicos na cidade.

Tibbalds (1988 apud SEDORA e NUNES,2006), analisa a questão das carências da sociedade importantes para o processo de planejamento do espaço público, sendo pensado a partir da perspectiva do cidadão para depois considerar a escala das edificações, de forma a garantir a interação social e também a conversa entre espaço público e seu usuário, um espaço caracterizado pela legitimidade e durabilidade, onde encontra-se presente a influência das transformações sofridas pelo seu entorno mas que respeita os valores históricos da sua

formação, o autor também considerar em sua análise o desenho urbano na busca de garantir a vida urbana do espaço público de forma a atender as necessidades de utilização e aproveitamento local, prezando pelo ambiente coletivo que estimule simultaneamente toda a diversidade de funções urbanas, capaz de promover a liberdade de circulação, interação e apropriação das pessoas no espaço público.

Como foi percorrido previamente, a cidade de Marília tem em sua história o surgimento de importantes áreas de encontro da sociedade, entre os espaços citados, a maioria, podem ser consideradas como exemplos legítimos de espaços públicos. A questão aqui é discutir se esses espaços representam legitimamente no cenário atual o papel a qual eles surgiram para representar na sociedade. Nota-se que o espaço público perdeu o seu valor na cidade, características desse retrocesso podem ser compreendido através da análise de redução dessas áreas na cidade. Outro fator a se considerar se associa a frequência em que esses espaços são ocupados.

Utilizando as praças como exemplo de maior facilidade de análise, as suas utilizações esporádicas evidenciam o atraso dessas áreas em relação as mudanças sofridas pela cidade e pela sociedade com o passar dos anos. Embora muitos fatores que as submetem o atual estado de subutilização e estagnação seja as ofertas criadas pela cidade capitalista que atrai as massas sociais para outras áreas da cidade, é de atrativos que esses espaços se demonstram em déficit. Um espaço de qualidade, que responde as carências do entorno, sempre será ponto de convergência de pessoas. As classes sociais continuarão a ter suas diferentes perspectivas para suas demandas, mas uma cidade mais democrática passa pela ênfase ao suprimento ou tratamento desses espaços.

Praça Maria Izabel.

Construída no final da década de 20 e início da década de 1930, a praça Maria Izabel representa a maior praça pública da cidade. Instalada na Avenida Nelson Spielman com a rua Nove de Julho, sua localização possibilitou a grande relação social na história da cidade, próximo à estação ferroviária e a área central de Marília, foi fundada no seu lado a igreja matriz de São Bento, atualmente conhecida como Catedral e Basílica de São Bento.¹²

O espaço que se encontra na área central urbana, dispõe de áreas verdes e vegetação, espaços destinados ao passeio e circulação, bancos para a permanência e acomoda no centro de seu projeto uma fonte, na cidade representou ponto de encontro para várias gerações da sociedade, nele se sucediam eventos culturais e religiosos. Atualmente o espaço apresenta modificações em seu formato original, a fonte foi reformada sendo acrescentado instalações luminosas, mas seu acesso é protegido por uma barreira física. Quanto aos eventos e manifestações culturais, continuam sendo executados, porém em menor frequência e escala, a maioria deles de caráter religioso idealizados pela Basílica de São Bento, como as quermesses e procissões.

¹² Dados obtidos no site no levantamento de DANTAS, A. R. L. Disponível em: < <http://emefgeraldacv.blogspot.com.br/p/historia-de-marilia-passeio-pelo-centro.html> >. Acessado em: 18 jul. 2017.



Figura 43: Praça Maria Izabel na década de 50. Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

Praça Saturnino de Brito.

Originalmente a Praça Saturnino de Brito era uma área descampada, suas primeiras manifestações de ocupação foram na década de 1930, com a atividade dos feirantes. A praça leva esse nome em homenagem a Saturnino de Brito, jovem soldado da cidade, que morreu em batalha na Revolução Constitucionalista de 1932, nesse período a praça era utilizada como abrigo aos soldados do município. (MATOS, 2013)

A relação da praça com a sociedade mariliense aumenta nos anos seguintes, com a construção de um coreto e com o progresso residencial e comercial do seu entorno, aproximando o espaço da comunidade. Atualmente a Praça Saturnino de Brito não mais possui mais o coreto, o local ainda serve de espaços para manifestações políticas e para a circulação de pessoas que atravessam a região em suas atividades do cotidiano. (MATOS, 2013)



60 Figura 44: Praça Saturnino de Brito na década de 40. Fonte: Comissão de Registros Históricos de Marília.

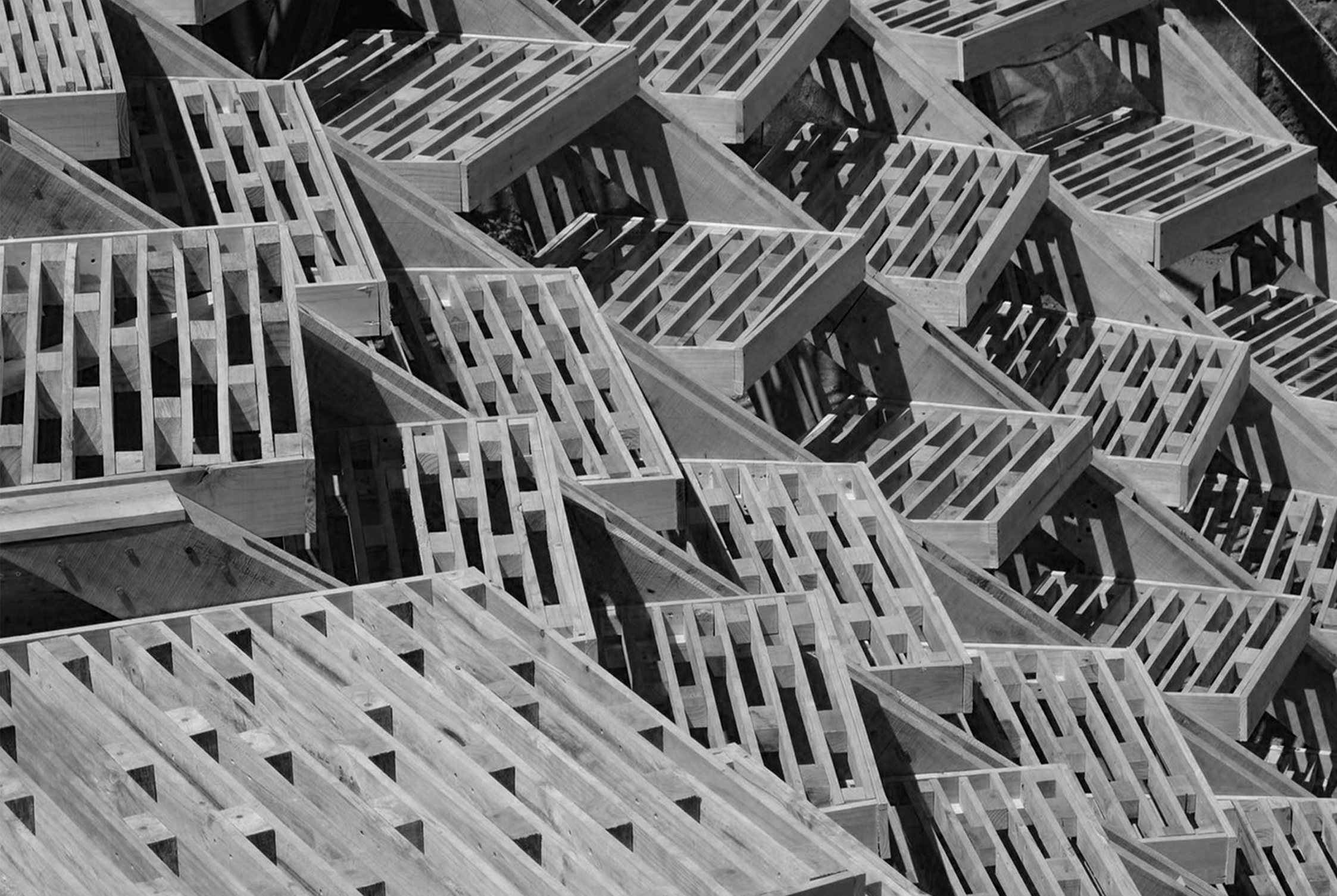
Praça da Bandeira.

A Praça da Bandeira se localiza em frente ao edifício da Prefeitura Municipal na Avenida Sampaio Vidal, podemos entender como uma continuação do edifício, sendo ela a área de transição entre o interior do prédio e a rua. Originalmente caracterizada por baixos jardins que serviam como compridos bancos de cimento que lhe dava forma e ao mesmo tempo comodidade para os que a visitavam. (MATOS, 2013)

Atualmente a praça, embora tenha passado por restaurações onde seus jardins acabaram sendo substituídos por calçamentos e seu formato um pouco alterado, é uma área de projeto paisagístico com a presença de jardim e um espelho d'água, o seu uso se mantém restrito a circulação de pessoas.



Figura 45: Situação atual das praças Saturnino de Brito (esquerda) e praça Maria Izabel (direita) no final de semana.
Fonte: Acervo do autor.



7. ESTUDO DE CASO.

O estudo foi necessário para o entendimento de como áreas vazias no desenho urbano consegue interferir e agregar a qualidade de vida aos seus moradores. Assim como levantado no estudo teórico sobre os espaços público o estudo de caso de algumas experiências na mesma temática, auxiliou na percepção da relação do vago com o seu usuário e também o seu entorno. A afinidade que a sociedade cria com o espaço como uma condicionante que indique que o espaço encontrado vago no desenho urbano permanece ou não vazio e sem utilização, no sentido de entender que o vazio pode ser uma questão positiva ou negativa, considerando os vínculos criados entre ele a cidade e a sociedade.

The Wave (2007).

Localização: Valparaíso, Chile.

Autor: The Scarcity and Creativity Studio.

A referência analisada no projeto é justamente a maneira como que tratam a ocupação de um vazio urbano na cidade Valparaíso. O projeto coordenado por um coletivo, busca “tornar disponível para a comunidade o patrimônio urbano da cidade”. (Santiago, 2017)¹³

O projeto conta com um espaço flexível, a criação de uma estrutura que permite apropriação do espaço e estimula também atividades de lazer e cultura. O objetivo do coletivo com esse projeto recuperação da área em prol da comunidade, promover atividades de aprendizado, área de interação social, atividades culturais e artísticas e a conscientização da identidade local.

¹³ Disponível no site: <http://www.archdaily.com.br>



Figura 47: The Wave. Fonte: www.e-architect.co.uk

Praça Roosevelt (1950).

Localização: São Paulo, Brasil.

A análise da praça Roosevelt se mostrou de grande valia para entender a relação do vazio e o entorno, o entorno e o vazio como uma relação de mão dupla. A praça que nos anos sucessores a sua origem apresentava como um grande vazio, asfaltado de uso múltiplo (desde grande área de estacionamento, à feira livre aos finais de semana) se mostrou como um elemento que alavancou o crescimento das atividades do seu entorno, popular pelos teatros e bares. Nos anos 80 esse espaço sobreu com um projeto de reforma modernista que resultou pelo afastamento de seus usuários. O projeto que apresentava grande complexidade de ambientes resultou em problemas urbanos quanto a qualidade do espaço, o que consequentemente levou ao afastamento da população mas também refletiu na prosperidade do entorno.¹⁴

Em 2012 foi reinalgurado a mais recente transformação do espaço, o projeto foi conduzido “buscando retomar a ligação da praça com o entorno, simplificar a circulação através de um grande eixo entre a Rua Augusta e a Consolação e abrir amplos espaços de convivência, com bancos e árvores.” E desde então o espaço ganhou vida, a praça recebe frequentadores todos os períodos do dia, os atrativos do entorno se apresentam com maior destaque, retomando o vínculo da população com o espaço.

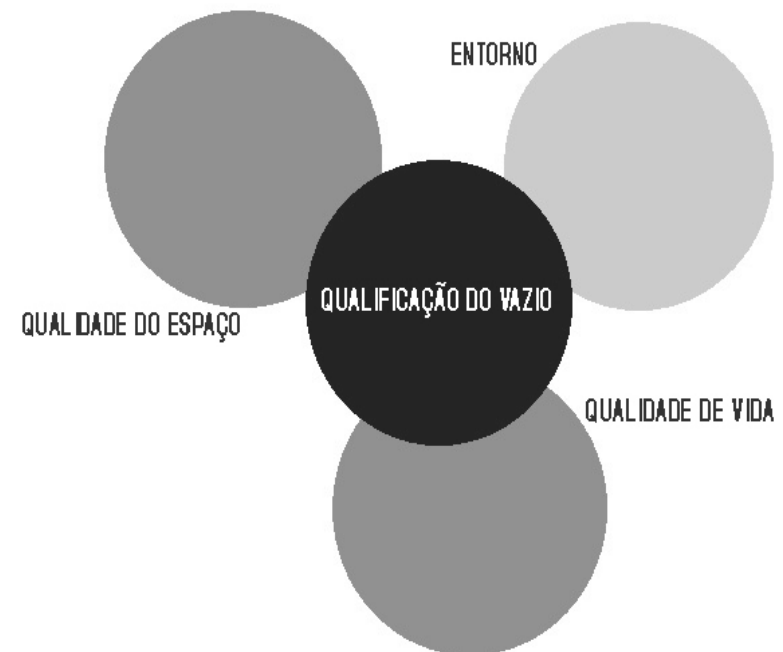


O estudo de caso possibilitou relacionar a situação apresentada pelos dois projetos com o vazio do IBC na cidade de Marília, em questão nesse trabalho. É semelhante o sucesso da qualificação do espaço público em ambos os casos, porém a diferença do entorno é o que agrega diversidade na leitura de cada projeto. Nota-se que a intervenção feita pelo The Wave busca a qualificação do vazio para estimular a qualidade de vida da população, que mora no entorno.

No caso da Praça Roosevelt, conseguimos ressaltar três momentos do vazio. No primeiro momento, temos a qualificação do espaço estimulando o crescimento do entorno. Já em um segundo momento, o fracasso na intervenção prejudicando a qualidade do espaço e a prosperidade da região, e por fim, a tentativa com êxito de resgatar e atrair a ocupação do vazio e ao mesmo tempo do entorno então estagnado.

O caso da cidade de Marília também apresenta suas particularidades, nesse caso já é visível um entorno adensado e desenvolvido, que retrata uma diversidade em atividades de apropriação do espaço. Assim a qualificação tem sua atuação na potencialidade em que o entorno apresenta, a ocupação do vazio no sentido de agregar valor a qualidade do espaço aos usuários, aumentando quantitativamente a área de interação social, buscando não desmerecer nenhum aspecto existente.

Figura 49: Estudo de valorização urbana alcançado pela intervenção dos projetos.
Fonte: Autor.



¹² Dados obtidos no site: <http://www.vitruvius.com.br/revistas>



8. PRAÇA AVENIDA

A PROPOSTA

Após as análises feitas nesse trabalho sobre o vazio urbano e sua relação com o entorno, as leituras feitas em loco e as análises teóricas sobre a temática, criou-se a proposta projetual para intervenção no terreno. O projeto propõe a criação de uma praça, espaço público, democrático e de livre acesso a todos.

Brasil (1993) aborda a questão das praças, como espaços de lazer, destacando a apropriação como lugar de descanso, de fruição da natureza, do exercício do corpo, dos jogos, namoros e encontros. Espaço por excelência de sociabilidade, caracterizado pelo movimento, pelo inesperado e pela possibilidade de surpresa. Na escala do coletivo e do extraordinário, o lazer assume caráter de festa, rituais, comemorações e manifestações políticas, caracterizada pela impessoalidade da sociedade e resgate dos valores culturais, demonstrando de forma clara o aspecto estruturante das práticas de lazer. Nesse espaço também é caracterizado segundo ele pelo distanciamento da prática do lazer do teor capitalista, especializado e mercantilizado, pois, para a apropriação desses locais não é requisito o poder aquisitivo.

Assim, entendemos a existência delas na cidade como palco para todos os tipos de interação social, espaço destinado às pessoas, sem julgamento e sem censura. Isso não significa que as praças sejam espaços de violência, de irregularidades e de desordem, muito pelo contrário, sua prosperidade caminha ao lado do respeito e da segurança. A liberdade tratada aqui tem o sentido do respeito às diferenças em um lugar de grande oferta de interação entre diversas culturas, e que na cidade tem a sua idealização acreditando na riqueza das trocas que o espaço é capaz de produzir.

A escolha final do destino dado ao projeto de qualificação do vazio foi determinada apoiando-se nos potenciais do entorno. Como vimos no capítulo de análise, concluiu-se que o terreno é rodeado por uma diversidade de energias que acabam esbarrando em seu estado de inércia e nas memórias do passado sufocadas no seu interior. A proposta busca viabilizar que as atividades rompam os limites entre o terreno e a vizinhança, e as atividades avancem também toda a extensão do projeto.

Nomeando como Praça Avenida, o ambiente que foi criado para a integração entre as duas avenidas, próximas espacialmente, mas distantes em aspectos qualitativos e funcionais. Um espaço de descanso na malha urbana, não apresenta grandes interferências na atual situação do vazio, mas sim somando pequenas qualificações as pré-existências para agregar novas utilizações e possibilitar novas finalidades a eles.

O espaço também é uma discussão sobre o significado dado ao vazio, a compreensão do terreno vago como algo negativo na paisagem, a ideia do não edificado à algo abandonado e sem nenhuma afinidade, a mesma discussão levantada antes por Solà-Morales. A nova perspectiva é tratar o vazio como um espaço cheio de potencial e, que sirva aos usuários com áreas de permanência, a prática do ócio, do lazer e do entretenimento, sem transformar o projeto em algo complexo, monumental, e cheio de edificações, mas uma qualificação que crie a pausa na dinâmica urbana, que crie ambiências e atraia as pessoas do entorno, aumentando a área de interação social em um lugar onde seu entorno já existe é percebido notado o sentimento de pertencimento das pessoas com a paisagem e com a cidade.

As atuais praças da cidade, como já foram citados alguns exemplos anteriormente, em sua maioria não se mostram tão próximas a sociedade, não criam vínculos com seu entorno, pois em sua maioria são espaços que já apresentaram grande atividade, mas que não acompanharam as transformações da cidade ao longo do tempo. Caracterizando como áreas em desuso, onde a apropriação fica limitada a atividades cotidianas de fluxo de pessoas que recortam o território. No caso estudado, a praça criada por este trabalho se atentou as leituras do local considerando esses espaços na cidade, e notou que a pista de caminhada que está na margem norte do terreno próximo à Avenida das Esmeraldas, apresenta uma ocupação muito similar ao comportamento encontrado em praças e parques lineares, seu uso não fica restrito a prática de esporte e movimento de pedestres, outras atividades acabam se apropriando do espaço. Acredita-se que a função da Praça Avenida será de continuidade dessas atividades, produzindo um espaço com melhor infraestrutura e segurança a todos seus frequentadores.

O PROJETO

O trabalho, como citado na proposta, é a criação de um parque público no espaço onde está localizado o vazio urbano estudado, na cidade de Marília, criando um ambiente seguro e apropriado para as múltiplas atividades que se pretendem acomodar, um espaço democrático aberto e de uso coletivo, de pausa na malha urbana sendo para permanência, ou passagem, mas que possibilite diversas maneiras de apropriação sendo elas simultâneas ou não.

Entre as preocupações do projeto, a interlocução e interação é um dos pontos fortes da análise, a intenção é propor a qualificação de uma área de descontinuidade na dinâmica de duas avenidas de grande fluxo de pessoas e automóveis, na tentativa de estimular a ocupação e utilização do espaço aos usuários de ambas as vias, que mesmo distintas, se conversem e se aproximem, propondo um ambiente de igualdade e liberdade de interesses, com atividades de inclusão e motivação da interação social dos usuários.

Incentivo de novas ou inusitadas formas de apropriação, estudo de meios que possibilitem a utilização de um equipamento público com infraestrutura básica e condições necessárias para atividades de lazer e entretenimento, em acordo com um dos objetivos do projeto, de ampliar os espaços na cidade direcionados as atividades de caráter lúdico e cultural.

O projeto buscou a intervenção mínima nas preexistências do terreno, marcado pelo seu relevo bastante alterado das curvas de nível original, a linha do trem que recorta sua extensão de leste a oeste na margem norte do terreno, e as fundações do antigo barracão do Instituto Brasileiro do Café, que sofreu um incêndio no ano de 1997.

O projeto é para uma área de grande extensão, distanciando as avenidas em 179 metros no ponto de maior distância entre elas, apresentando uma diferença topográfica de apenas 4 metros, a praça se divide majoritariamente em 4 patamares, apresentando algumas diferenças de nível propositais da intervenção do projeto.

Tratando do espaço direcionado a apropriação dos usuários, o projeto se ergue partindo da abertura dos acessos ao interior do lote, os caminhos criados, a qualidade do ambiente e a segurança das pessoas. Embora criem-se áreas hábeis para usos específicos, são seus usuários que definem a sua ocupação. O projeto então se interessou na criação de áreas de uso múltiplo, com pequenas infraestruturas de necessidade básica dos seus usufruidores.

A proposta acredita ser uma boa solução para o problema de estagnação da área de grande extensão que é o vazio. As diretrizes que pretende ser seguidas, considerando as necessidades dos usuários e a conversa com o entorno, tem como objetivo atingir grande aceitação do espaço criado e o contexto urbano, para maior aproveitamento pelos próprios moradores do entorno e a sociedade que convivem na região. As atividades que o projeto espera gerar no ambiente acredita na continuidade do local estudado, a ligação da sociedade, das vias e das regiões criando no espaço da cidade, sua ideia de identificação e de pertencimento. Assim acredita que o potencial existente de convergência e ocupação da população no entorno, independente das camadas sociais, já é metade do caminho para o êxito.

Uma boa acupuntura é ajudar trazer gente para rua, criar pontos de encontro e, principalmente fazer com que cada função urbana catalise bem o encontro entre as pessoas. (LERNER, 2010)

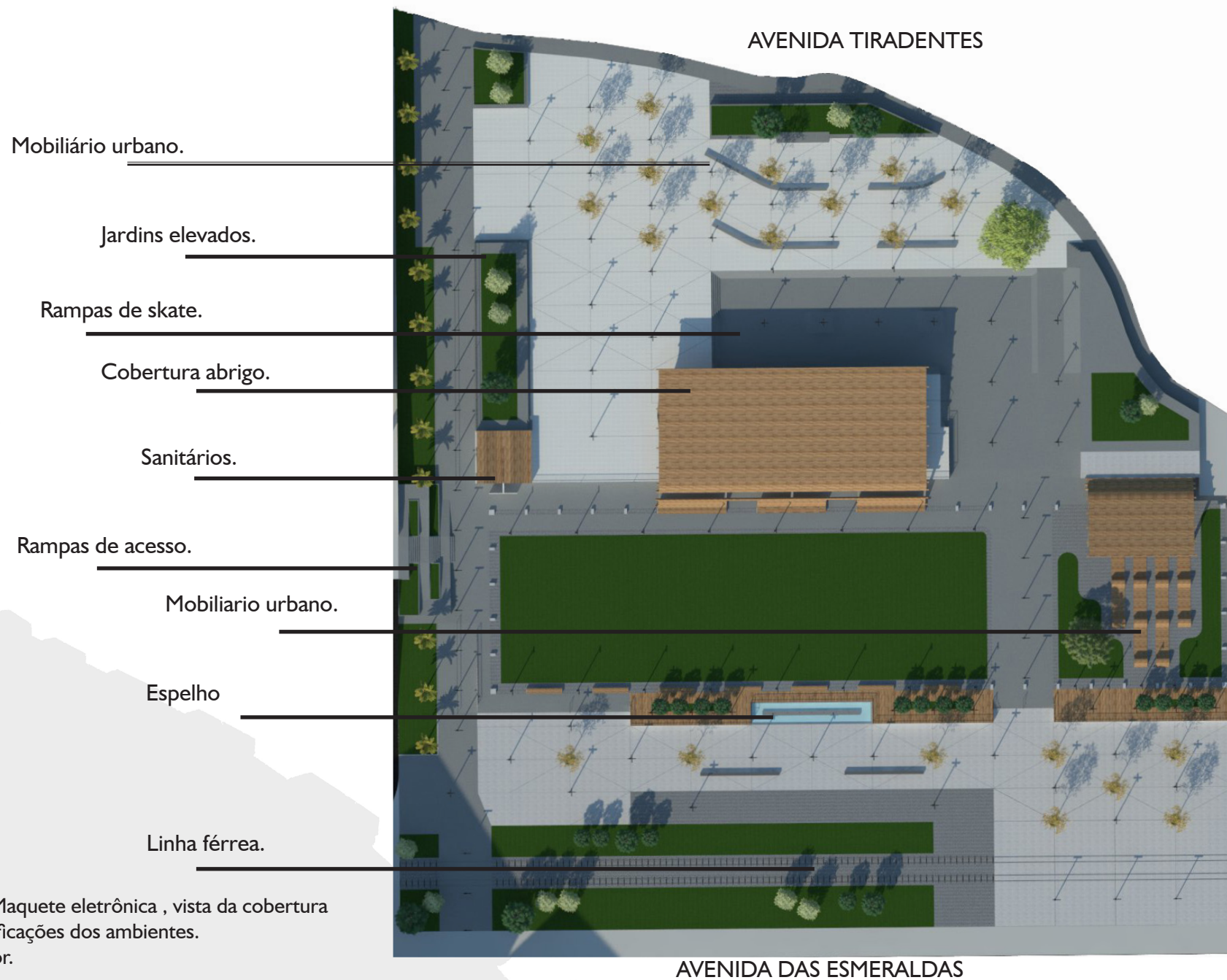


Figura 50: Maquete eletrônica , vista da cobertura com especificações dos ambientes.
Fonte: Autor.



Acessos e Caminhos

O acesso ao terreno seria dado através dos limites norte e sul. O local que já é de fácil alcance pelos pedestres da cidade que circulam as avenidas limitantes do terreno nessas direções. A praça teria seu acesso de maneira qualificada e segura, pois já é percebido o acesso irregular a área que liga a face norte a face sul, um caminho improvisado ligando a pista de caminhada da avenida das Esmeraldas a avenida Tiradentes.

O acesso por veículos se dará apenas pelas atuais vias do entorno, não seria intenção do projeto a existência de áreas destinadas ao cruzamento e estacionamento de veículos na praça, com ressalva a possíveis vagas exclusivas para deficientes e idosos.

Como a proposta se preocupa com a preservação das características do terreno, os acessos feito pelo limite norte do terreno onde temos a presença da linha do trem, já desativada, se apresenta no mesmo patamar do passeio público, torna necessário o cruzamento da via férrea pelos usuários que por ali adentram. O sentido dos acessos, foi escolhido de acordo com a organização preexistente do entorno que são as avenidas, considerando os caminhos irregulares que já recortam o terreno, como maneira de interação das duas vias.

A proposta procurará caminhos que possibilitem a proximidade e comunicação das duas vias, mas que ao mesmo tempo não funcione apenas como atalho entre os dois seguimentos. Para tentar atingir esse objetivo os caminhos serão direcionados no sentido norte e sul e também leste e oeste. Possibilitando no local percursos mais tranquilos e reservados os usuários que procuram o descanso e o lazer.

As desigualdades do terreno, foram vencidas por meio de rampas e escadas no projeto, garantindo a ele a acessibilidade a todo tipo de usuário.

Iluminação.

Visando a otimização da utilização da praça, um fator que se tornaria determinante ao uso da mesma, foi um estudo de iluminação que permitisse a extensão dos períodos de atividade no local. Além de possibilitar atividades nos períodos noturnos e promover a segurança dos usuários, o projeto de iluminação que atue como um agente da paisagem, que atraia os curiosos que passam à entrarem no espaço. A iluminação também valorizaria as atividades propostas pelos equipamentos urbanos que ali foram desenvolvidos.

O projeto optou pela utilização de postes metálicos em seção caixão, com altura inferior a copa das árvores, para não apresentar grande interferência na eficiência luminosa do projeto, assim foi optado por postes de 5m (cinco metros). Particularidades do projeto de iluminação foi ter optado por postes que utilizam luzes led. Possibilitando formatos mais ortogonais ao equipamento de iluminação usado.

Paisagem e vegetação.

A preocupação com a paisagem é essencial na produção da relação do terreno com o entorno, como forma de ligação de duas vias separadas pelo vazio, a intenção do projeto é criar espaços livres e sem barreiras visuais no sentido norte e sul.

A cobertura vegetal é algo necessário para a permanência dos usuários no período diurno, o projeto elaborado para atender as necessidades referentes as áreas verdes, seriam criadas áreas permeáveis propensa a atividades múltiplas, a área de maior relevância nesse aspecto aproveitou o perímetro demarcado pelas estruturas do antigo IBC, demarcando os limites de um grande gramado.

A cobertura vegetal também conta com plantio de árvores por toda a dimensão da praça. Sendo a escolha dessas espécies orientados pelo porte que cada uma apresenta. Foram escolhidas quatro categorias de vegetação arbórea, posicionadas pontualmente na busca de alcançar todas as pretensões existentes na implantação do projeto.



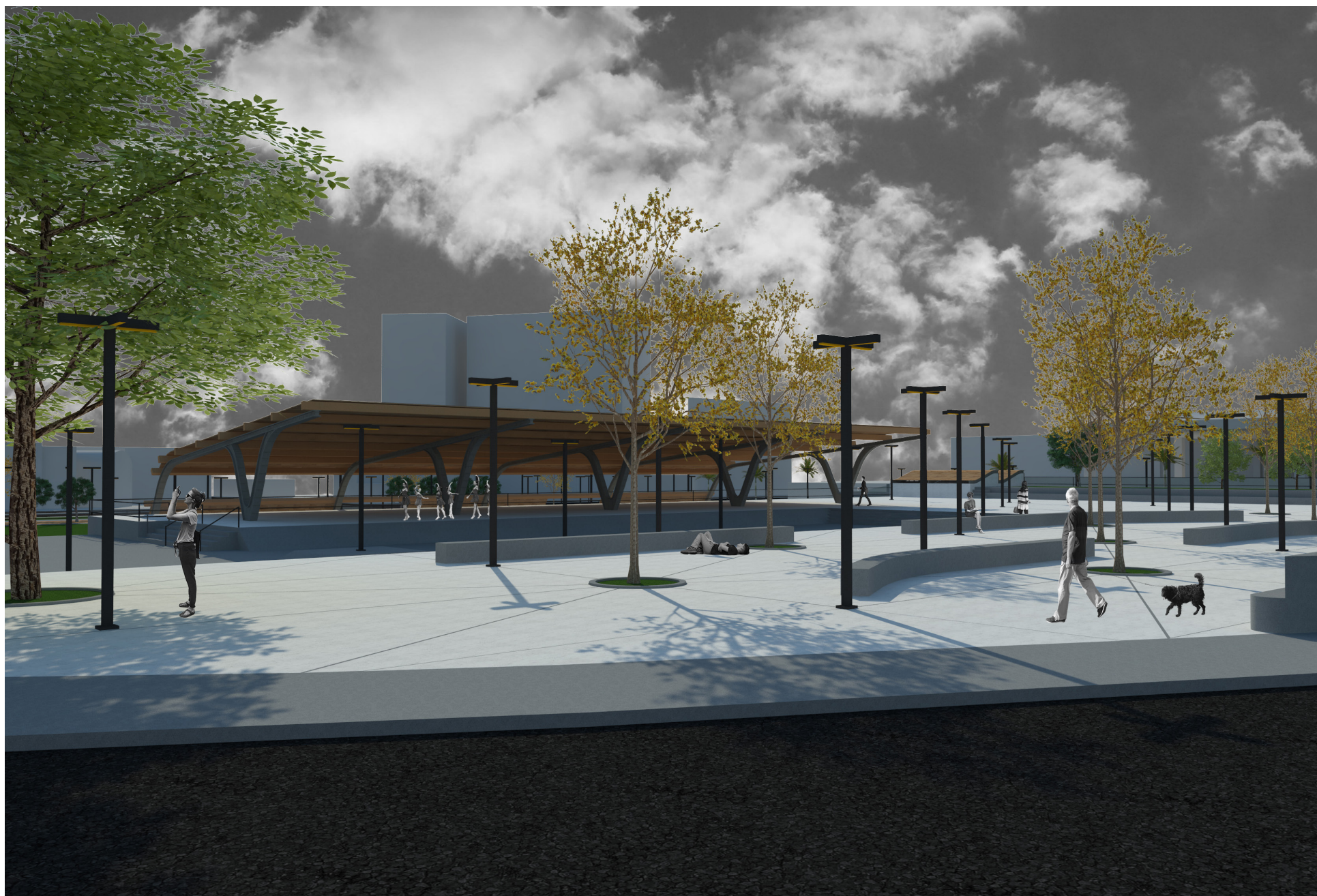


Figura 48: Praça Roosevelt, 2012. Fonte: Rogério Cassimiro, disponível em: <https://noticias.uol.com.br>.

Equipamentos.

Os equipamentos pensados para o projeto Praça Avenida foram elaborados a partir de duas condicionantes, a primeira a considerar é sobre o papel da área livre como o palco para as trocas sociais, sendo assim o mobiliário urbano de maior importância do projeto é sem dúvidas é o espaço, a qualificação da mesmo, onde a qualidade do ambiente é o equipamento e a própria intervenção no vazio.

Outra consideração para o planejamento de ocupação do vazio foi justamente as estruturas remanescentes do espaço. A ideia de ocupar um espaço vazio e que ao mesmo tempo já se apresenta ocupado, a referência aqui é sobre as estruturas históricas esquecidas pelo tempo. De que maneira relacionar elas com o projeto ou o projeto relacionado a elas. A vontade de trazê-las para dentro de um projeto, feito em seu próprio espaço, pode parecer ambíguo e confuso, mas não é. Sendo elas parte do espaço, e o espaço considerado a estrutura de todas as atividades que ali pode ocorrer, dessa forma qual o papel deles no ambiente que será produzido.

Como foi dito na introdução projetual, a organização do espaço é feita através de 4 níveis, aproveitando a diferença topográfica a criação de desníveis no terreno como ferramenta para criar áreas de interesse e que potencialize as qualidades da praça. A ocupação do chão, da parede, do teto, de todas as direções que possam ser preenchidos é valido no espaço.

Projetou-se então estruturas básicas para o conforto dos usuários. A praça é formada por duas coberturas, jardins elevados, rampas de acesso, sanitários, café, decks, escadas, espelho d'água e estruturas simples fazendo papel de mobiliário. Muretas e Caminhos concretados, caminhos cobertos com pedra brita e espaços gramados também compõem a estrutura da praça.

A inspiração para a criação das coberturas surgiu dentro do próprio terreno, a linha férrea. Usada como partido para as novas criações o que chamou atenção a ser considerado no projeto foram suas curvas, a maneira estrutural usada para alcançar esse formato sinuoso que a linha apresenta quando seus vagões precisam mudar de direção. Daí surgiu a ideia de estruturas de formatos peculiares e que apresentam a flexibilidade do aço em suas estruturas unido a com a linearidade dos dormentes de madeira. Essa linguagem foi repetida em outras estruturas do projeto, a cobertura dos sanitários e também em estruturas do mobiliário.

Assim, os únicos espaços fechados do projeto são os banheiros e o café. Sendo áreas mais reservadas, a existência deles, embora caminhando em sentido contrário à ideia de um espaço público aberto, foram pensadas como forma de proporcionar infraestrutura mínima aos usuários que muitas vezes se deslocam de áreas distantes da cidade.

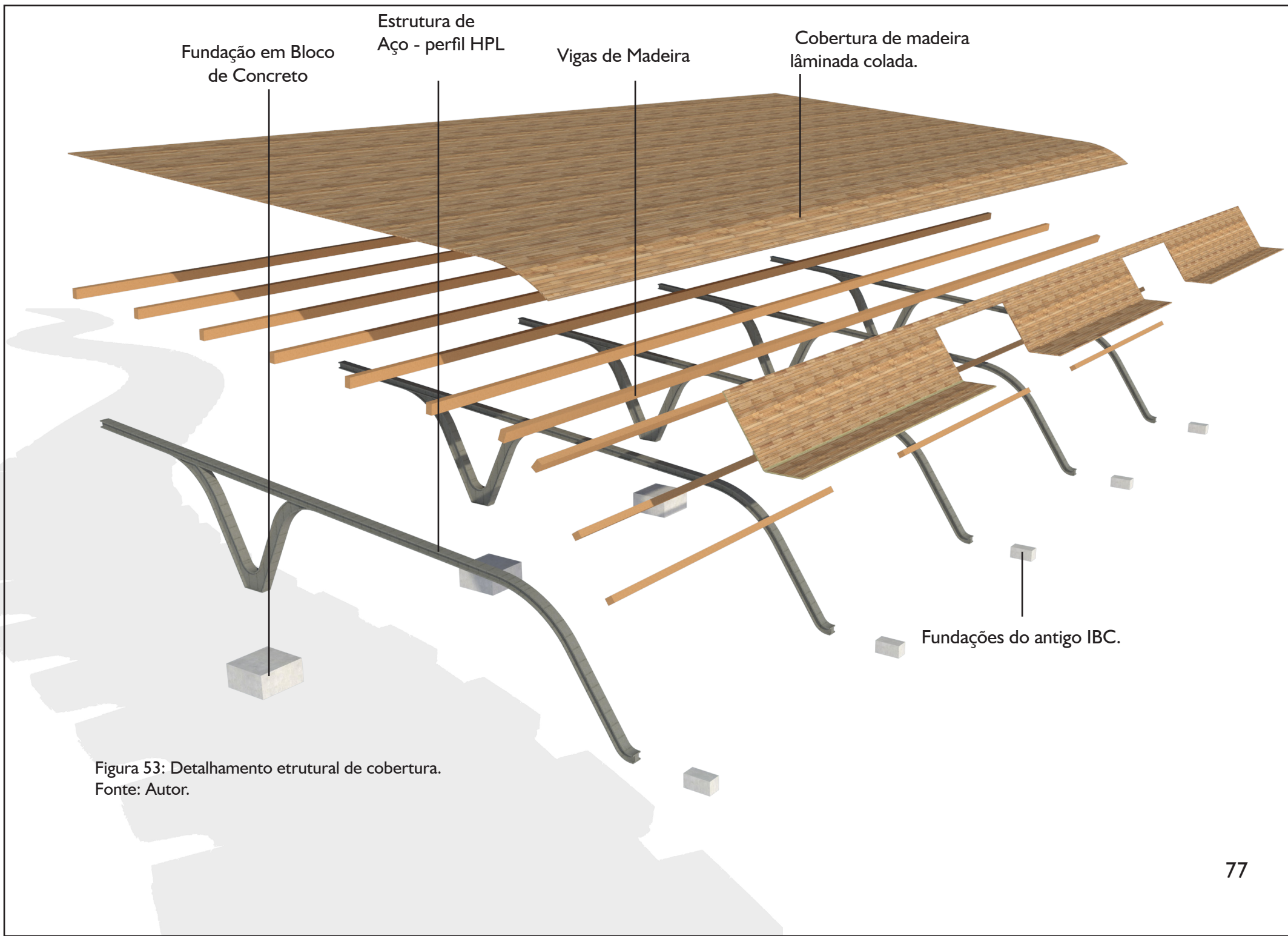
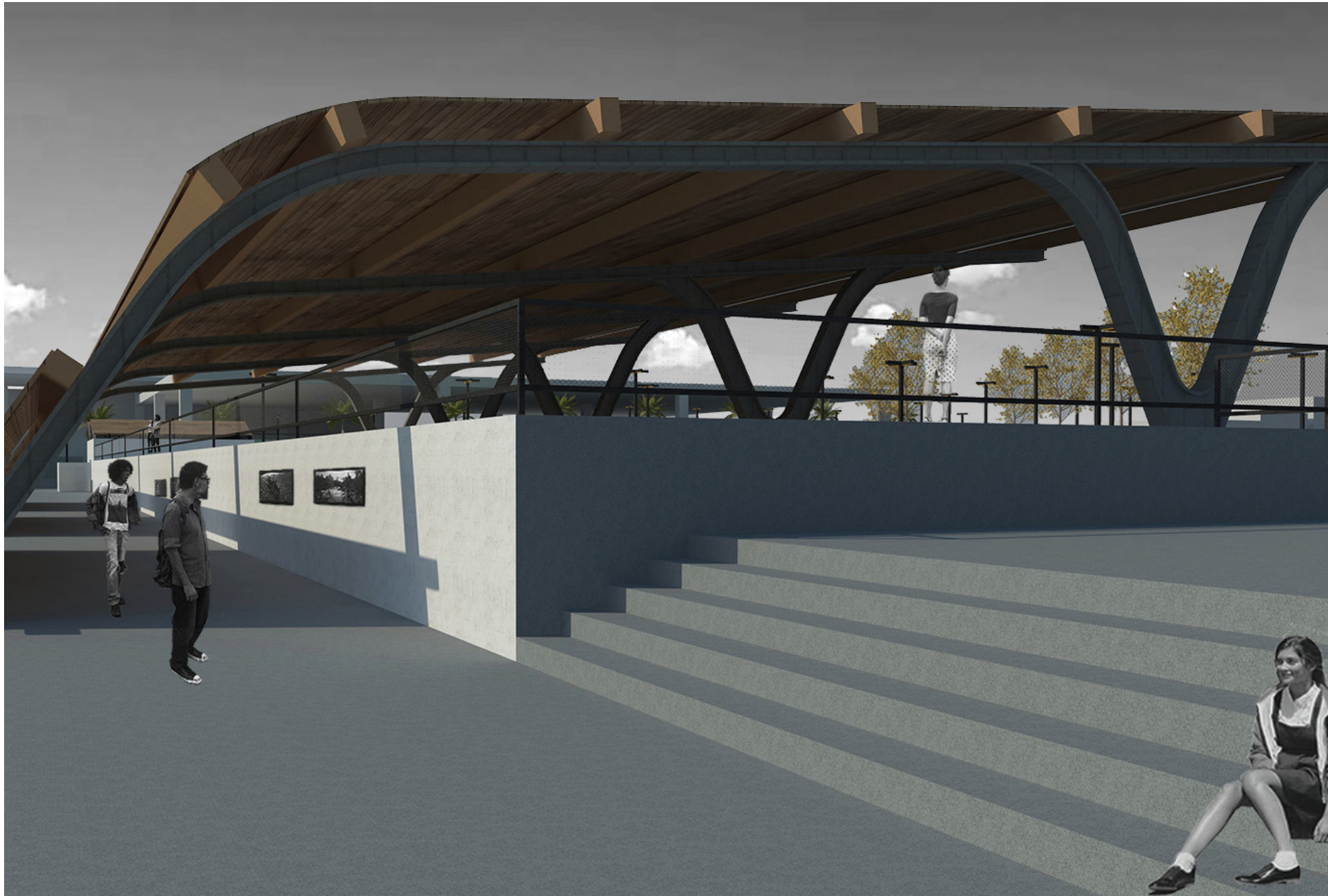


Figura 53: Detalhamento estrutural de cobertura.
Fonte: Autor.









7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ARRADI, Sérgio Luis. **Desenvolvimento econômico e urbanização: estudo de caso do município de Marília-1960/1985**. Trabalho de conclusão de curso da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Campinas, 1989.
- BLOCH, Luiz Laurent. **A ARQUITETURA DO LAZER: desenhar os espaços para a fruição do tempo e para a convivência social**. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Estudos do Lazer., 2017.
- BRASIL, F. P. D. **Apropriação de praças como espaço de cultura, lazer e cidadania**. Anais do V Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte, p. 160-176, ago. 1993.
- BRASIL. Estatuto da Cidade: Lei 10.257/2001 que estabelece diretrizes gerais da política urbana, com acréscimo da Lei no 8.245/91. Brasília, Câmara dos Deputados, 2008, 3ª Edição.
- BISPO, Thiago Henrique de Almeida. **O Cinema na cidade: Do Municipal ao Peduti**. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” campus de Marília 2015
- BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. **Percorrendo os vazios urbanos**. Anais do V Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte, v. 10 (2003).
- DITTMAR, A. C. C. **Paisagem e morfologia de vazios urbanos: análise da transformação dos espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba – Paraná**. 2006. 230 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.
- LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 1 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5ª edição Editora Record, Rio de Janeiro, 2010.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MARINHO, Thiago Pimentel. **Segregação socioespacial, dinâmica populacional e rede urbana na cidade de Parintins**. 2009. 15 p. Artigo (Pesquisa em Geografia)- Universidade Federal do Amazonas, AM, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275249696_Segregacao_socioespacial_dinamica_populacional_e_rede_urbana_na_cidade_de_ParintinsAM>.

Acesso em: 19 jul. 2017.

MATOS, Wilza. **Marília e seus roteiros: cultural, religioso e arquitetônico**. Disponível em: <<http://retratowilza.blogspot.com.br>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

NASCIMENTO, Agnaldo da Silva. **No vazio, caberiam casas, parques, fábricas... caberia muita cidade**. 2014. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014.

OLIVEIRA, M. B. **O direito ao lazer na formação do homem social**. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7406>. Acessado em: 25 jun 2017.

POVOAS, G. **Marília: serviços de estatística da prefeitura de Marília**. Monografia. São Paulo. 1947.

RIO, Vicente Del. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. 1 ed. São Paulo: Pini, 1990.

SOLÁ-MORALES, I. **“Terrain vague”**. Anyplace. Cambridge, MIT, 1995.

Câmara Municipal de Marília. Comissão de Registro Históricos. Disponível em: <<http://www.camar.gov.br/>>. Acessado em: 22 jun. 2017.

Secretaria de Cultura de Marília. Disponível em: <<http://www.marilia.sp.gov.br>>. Acessado em: 22 jun. 2017.

SILVA, L. M. **Espaço público e cidadania: Usos e Manifestações Urbanas**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Paula Thais. **A História da Cidade**. TV Marília Produções. Direção: Edson Joel. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/YkM8DOlIpHw>>. Acessado em: 09 jul 2017

SPÓSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013. 376 p.